



REVISTA

DA SEMANA

N. 11 16-3-57 C.R. 8,00 em todo o Brasil

EM PRIMEIRA MÃO:
**BAILE DO MUNI-
CIPAL EM CÔRES**



★ O carnaval carioca de 57 foi muito fraco. De ano para ano vai se acentuando a sua queda, a sua morte definitiva e inapelável. O dêste ano só foi salvo (em alguns bailes) por folionas como esta. Bonita, exuberante, e principalmente, devotada (sem outros objetivos) ao seu divertimento.

DIRETOR
Helo Fernandes

COLABORADORES
Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Desfilam as sociedades	4/9
Páginas do Galo Branco	12/13
Escolas de Samba	16/19
Baile de Quitandinha	20/25
Baile do Municipal	28/37
Baile do Copacabana	38/43
Desfile de Ranchos	46/49
Baile Municipal Infantil	56/61

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Diagramação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



♦ CAPA — Madame Janrot, primeiro prêmio do baile de gala do Municipal, com «Passaro Cacatus», que custou (nestes tempos de crise) a importância de 250 mil cruzeiros. Veja reportagem em cores (a primeira de toda a imprensa brasileira) nas págs. 28/37. (Eck-tachrome de Alberto Ferreira).

A GRAVATA

● Não sei desde quando os homens são governados pelas gravatas; não procurei saber em que época elas se tornaram moda e a maneira como se impuseram, mas o fato é que são terrivelmente torturantes na vida dos nossos irmãos, esses pedaços de pano que amarram pescoços e existem na indumentária masculina, apenas como a "peninha para atrapalhar". Que são torturantes, nem há dúvida: raros aqueles capazes de ficar de gravata o dia todo, poucos os que —sobretudo no verão— vestem com prazer uma gravata por mais bela que seja. Não compreendi também o papel da gravata na vida dos adões mas sei que sem ela, por mais importante que seja, um indivíduo não poderá entrar em certos lugares, frequentar centros elegantes, etc. Pode-se escrever um tratado sobre o problema das gravatas na vida dos homens. Já vi mesmo alguns cavalheiros gastarem minutos e minutos escolhendo aquela que melhor colabore com a roupa e a camisa; já ouvi outros cavalheiros esbravejarem com o nó que muitas vezes não quer sair —e não sai— certo; já recebi confidências de amigos quanto aos presentes de gravata: —Nunca se deve dar gravatas, pois que elas são pessoais, só o gosto de quem vai usá-las é capaz de saber o que lhe convém. Enfim, entre os homens e as gravatas há um mundo de casos e ocorrências que não cabem numa crônica banal.

● Por que estou eu hoje às voltas com esse assunto? Apenas porque encontro uma gravata nos jornais que noticiaram o encontro de Elizabeth e Filipe, encontro muito divulgado e propalado, pois as más línguas já andavam dizendo que o Duque estava de amôres com outra mulher. Se está ou esteve, é coisa íntima, lá dêles. Mas a Côte da Inglaterra resolveu mostrar ao mundo que tudo era apenas intriga da oposição e lá foi Elizabeth buscar o marido em Portugal, como qualquer mulher é capaz de ir agarrar o espôso num bar, numa buate ou mesmo na casa da melhor amiga e trazê-lo para casa dignamente. "Depois de quatro meses de separação, Elizabeth e Filipe se encontram novamente —contou um vespertino— como é sabido, no Aeroporto de Montijo. O aspecto de ambos era de fato, de pessoas felizes. A Rainha estava elegantíssima no seu novo costume, último corte parisiense. E o Duque se apresentou com uma gravata de motivos em forma de coração". Desculpem todos, mas, por mais que eu exija de minha imaginação uma linha de bom gosto para essa gravata, não consigo. Como pode ser bela e elegante uma gravata que tem a ornamentá-la, pequeninos ou grandes corações? Lembro horríveis gravatas que já vi em pescoços masculinos: corpos nus de mulheres, histórias pátrias como nas gravatas que eram vendidas em S. Paul onas comemorações do IV Centenário, etc., etc.

● Por que Filipe usou para encontrar Elizabeth uma gravata cheia de corações? Para demonstrar que está ainda apaixonado pela espôsa? Para declarar que tem muitos corações a dar e nenhum a se prender? Teria sido levado por motivos sentimentais a escolher aquela gravata para aquele dia? Terão hoje as gravatas, como as flores do tempo de nossos avós, uma linguagem própria? São interrogações que me faço na certeza de que a gravata de Filipe é feia, é principalmente de mau gosto. Onde já se viu um homem que é afinal rei, usar uma gravata enfeitada de corações? Que dirão dela os cronistas sociais, os jornalistas mundanos? É o que eu também gostaria de saber, pois que de gravatas, —declaro— não entendo...

E N E I D A



Como nos últimos anos, o desfile das sociedades foi pobre, sem originalidade e com predominância do mau gosto.

Desfile das grandes sociedades:

MAU GÔSTO, DESORGANIZAÇÃO E MUITO CARRO QUEBRADO

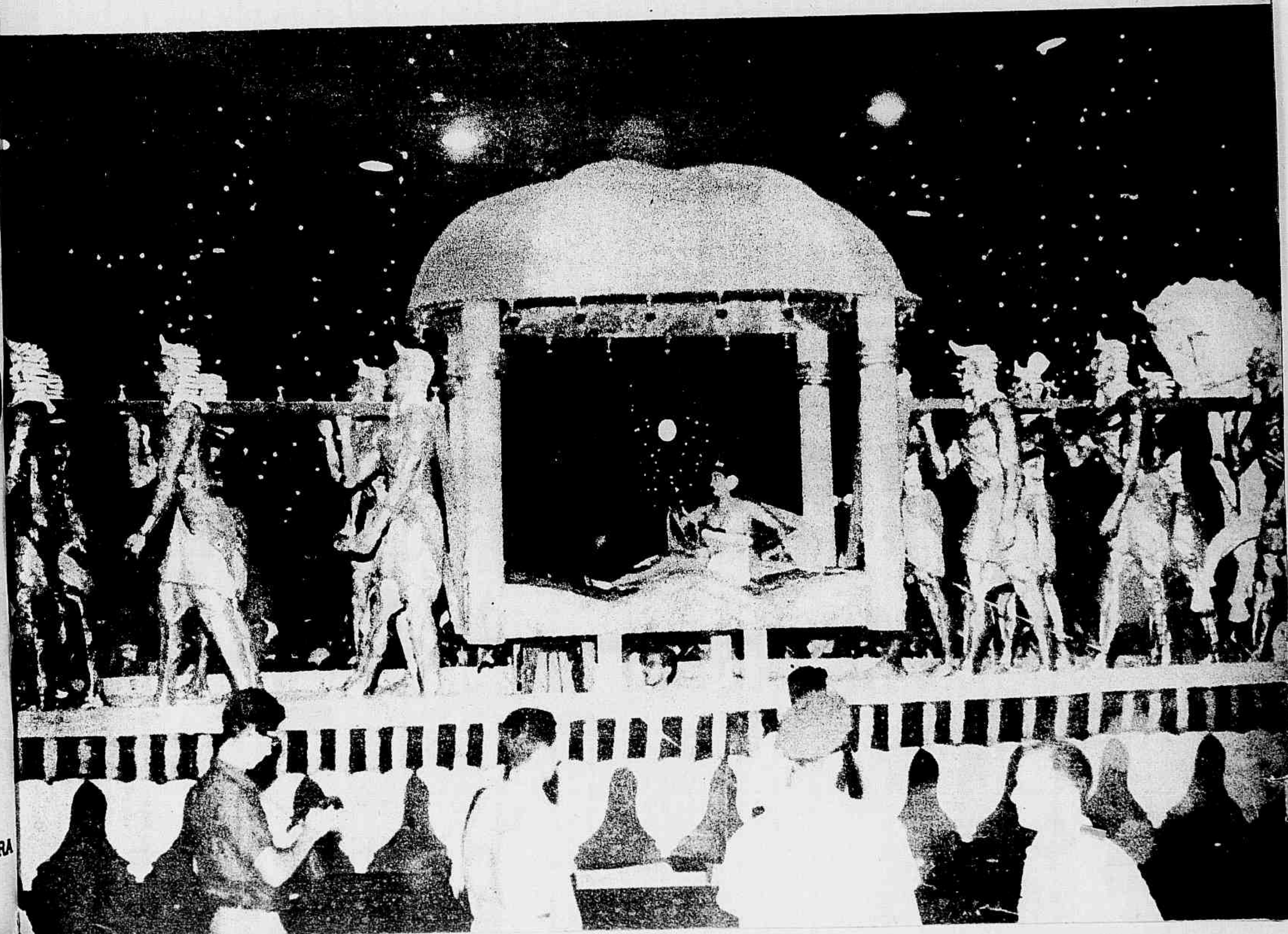
TENENTES DO DIABO E TURUNAS DE MONTE ALEGRE FORAM
OS MAIS APLAUDIDOS — MAS TODOS APRESENTARAM CARROS
FEIOS, CAINDO AOS PEDACOS E SEM NENHUMA MOVIMENTAÇÃO

Reportagem de LUIZ SODRÉ

Fotos de ARNALDO VIEIRA



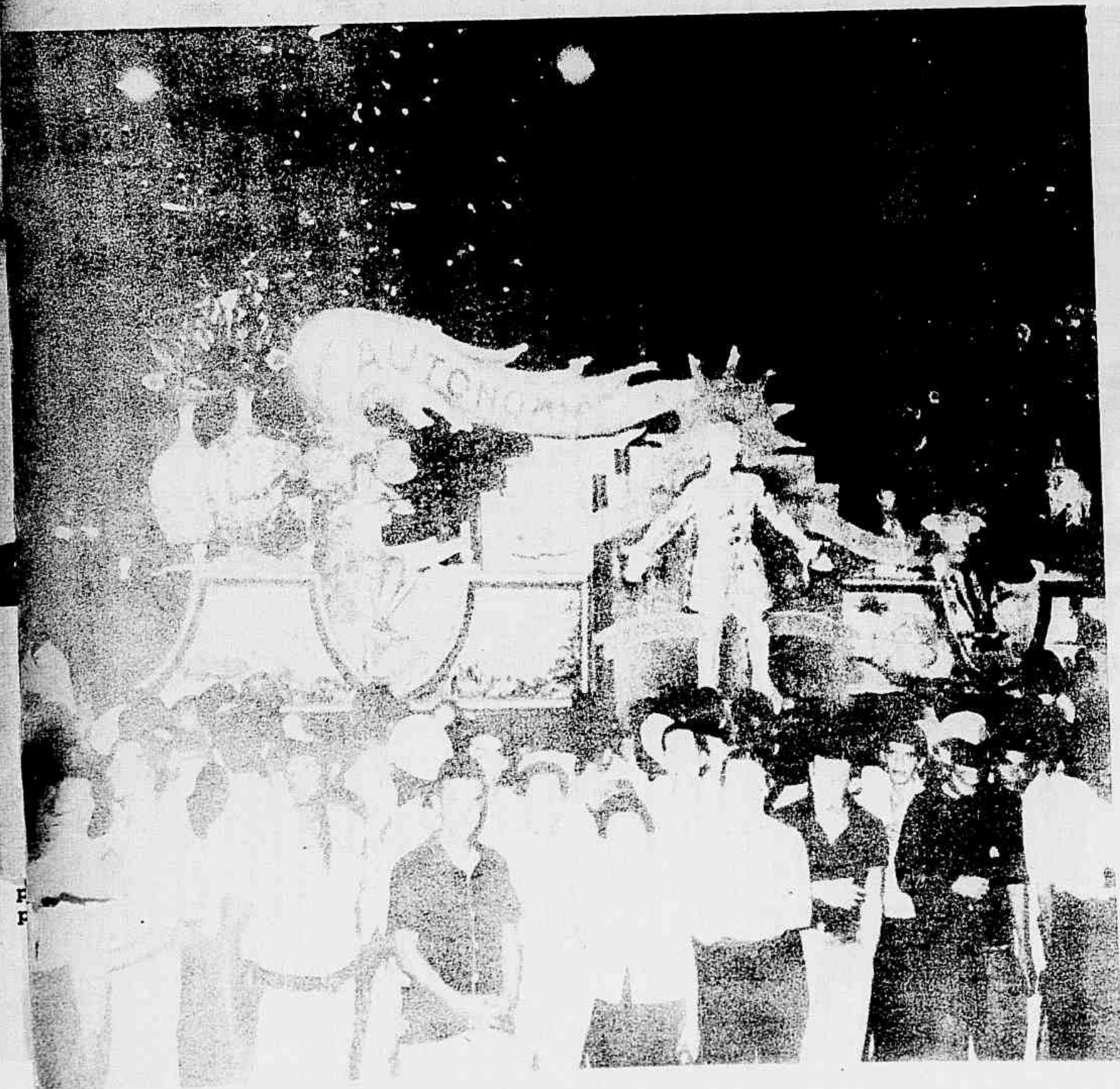
A Rainha do Carnaval, Wilsa Carla, abriu o desfile. À direita: a «Sossêgo» foi talvez das melhores que desfilaram. Em baixo: «Cariocas», «benjamim» das sociedades, agradaram com carros movimentados e bem imaginados.



GRANDES SOCIEDADES



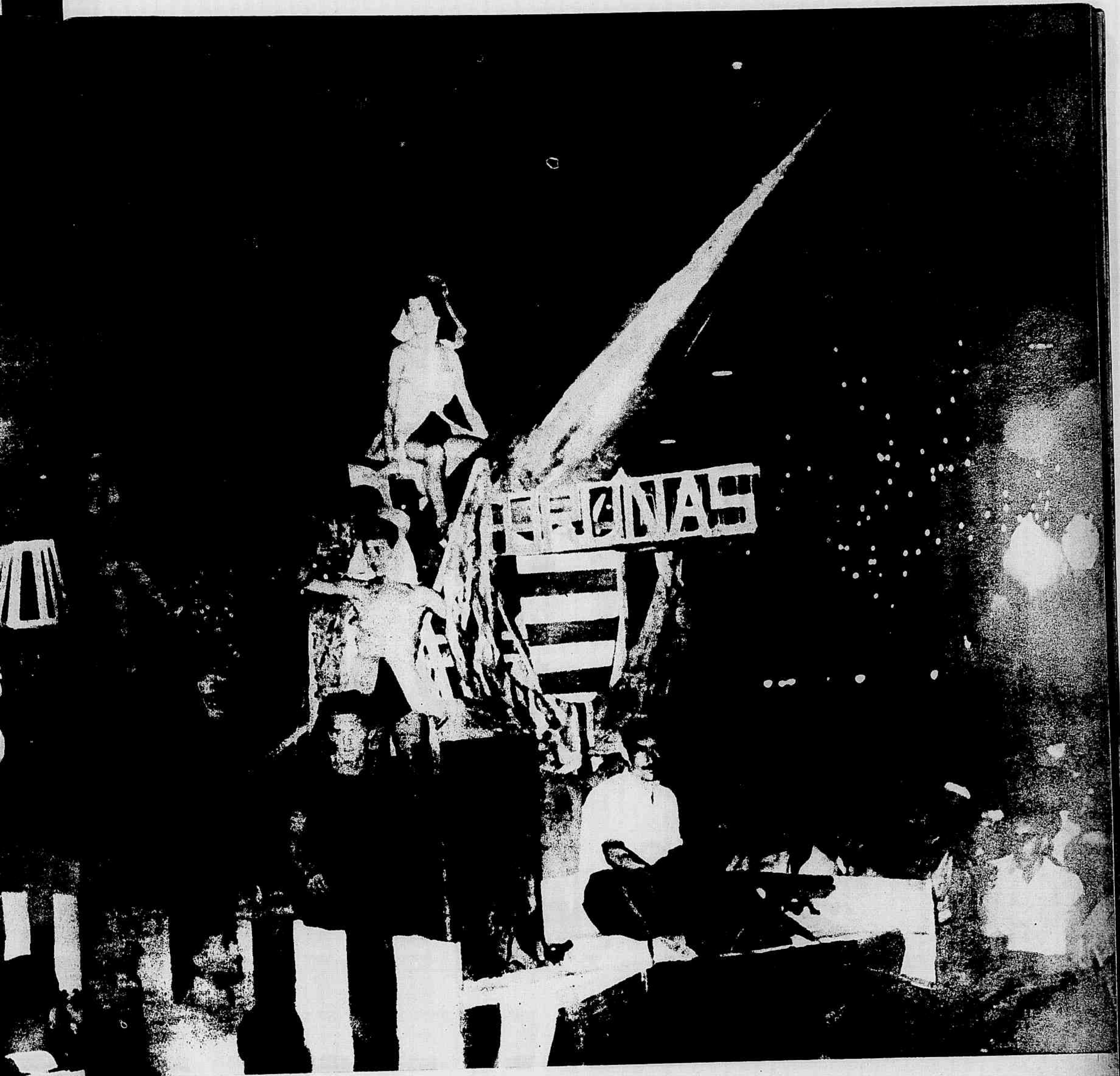
Em cima: alegoria simpática sobre as pioneiras sociais apresentada pela «Cariocas». Em baixo: ainda a mesma sociedade apresentando um carro que focaliza a autonomia do Distrito Federal. À direita: «Turunas de Monte Alegre», os mais aplaudidos e pode-se dizer mesmo, a melhor sociedade que desfilou no carnaval carioca de 1957.



MILHARES de pessoas se deslocaram para a Avenida para assistir ao desfile das grandes sociedades. Durante muitos anos esse foi o maior espetáculo do carnaval carioca. Mesmo no auge da festa popular brasileira, quando o carnaval era bem diferente do que aí está, o desfile das sociedades era o fecho de ouro do carnaval. Mas as sociedades foram (naturalmente) acompanhando a agonia da nossa outrora «festa máxima» e hoje são uma sombra pálida do que foram. Mas assim mesmo o entusiasmo popular continua firme e

quase
mais
outra

Ne
guiu
certa
que
do c
te d
dos)



quase inalterado. Elas é que não correspondem mais a esse entusiasmo popular. Mas isto é outra história.

Nem a energia do sr. Nelson Batista conseguiu fazer as sociedades desfilarem na hora certa. E só quando o público se impacientava é que elas foram entrando na Avenida. E quando começou o desfile, o que se viu foi um monte de carros sem movimento (muitos quebrados), sem originalidade e com um mau gosto

visível a quilômetros de distância. O próprio Milton da Costa (pintor famoso e membro da Comissão Julgadora), declarou: «As concepções dos carros das grandes sociedades foram de um mau gosto tremendo. Nada se renovou. Entretanto considere Turunas de Monte Alegre e Sossêgo, os melhores.»

As 21,30 passaram os Pierrots, uma sobra pálida dos Pierrots de outrora. Carro-chefe: Carnaval de Fogo. Concepção pesada, de mau gosto e já apresentada com outra forma em anos an-

teriores. Carros sobre as favelas, simpático, mas sem maior expressão

Vieram depois os Fenianos, campeoníssimo do carnaval de outras eras. Carro-chefe: Aída, com motivos de óperas. Carros de crítica, sem maior humor. Alegorias fracas, revelando falta de imaginação. As mesmas mulheres feias de sempre, e as inevitáveis «Torre Eiffel» e outras repenções.

As 23 horas entraram os carros da Sossêgo

Grandes Sociedades

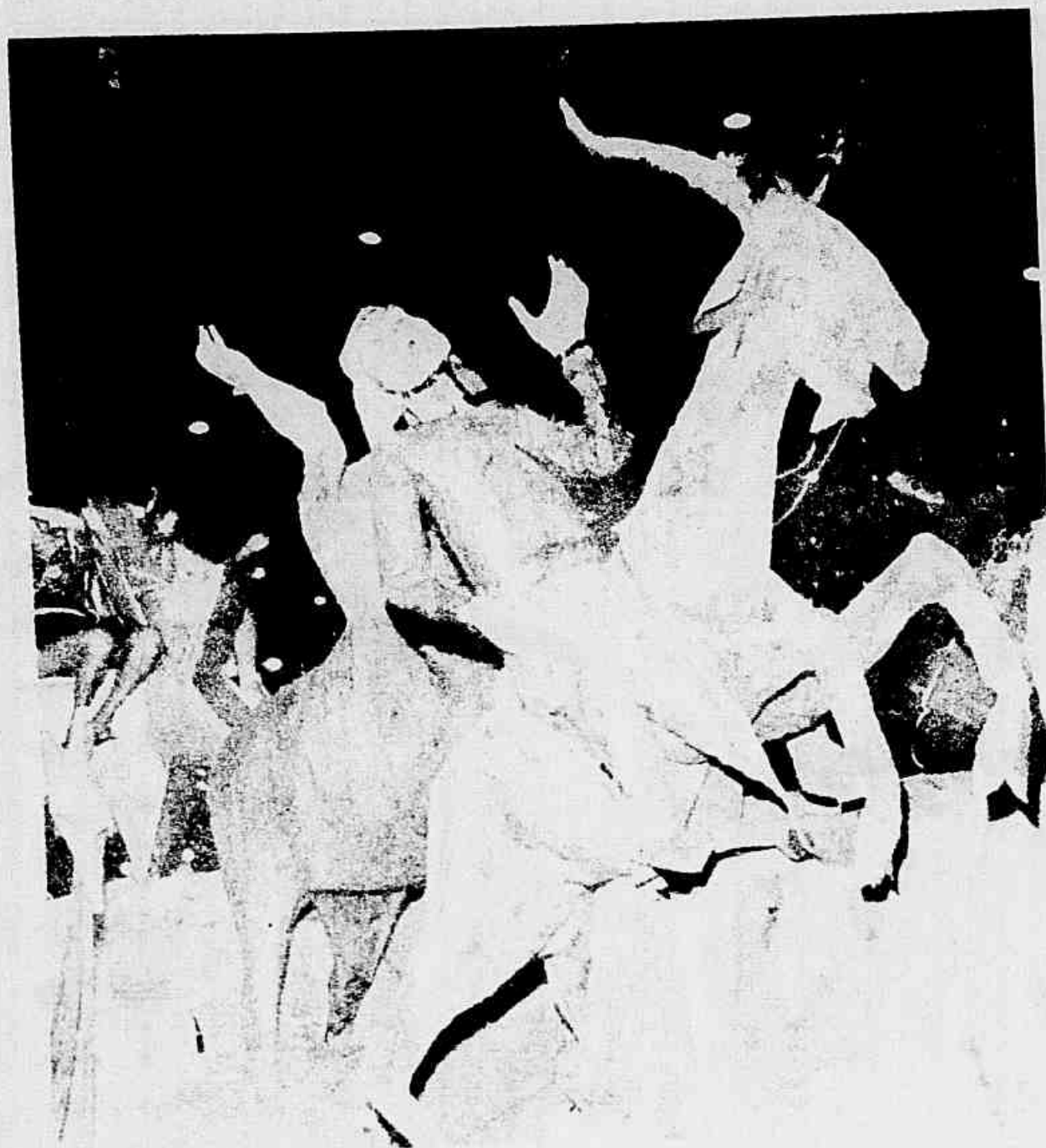
Muito aplaudidos. Carros razoáveis, boa movimentação, e revelando certa imaginação. Se levarmos em conta que relativamente há poucos anos desfila como «grande», seu esforço deve ser elogiado.

Os Turunas desfilaram arrancando enormes aplausos. Alegorias bem feitas, exploração razoável de motivos internacionais, abre alas uniformes e bem disciplinados, iluminação excelente (a melhor) indireta e várias côres. Mereceu amplamente o primeiro lugar.

Quase à meia-noite desfilaram os cariocas, a mais nova sociedade. Carro-chefe: Autonomia do Distrito Federal. Bem idealizado e de efeito. Carro simpático sobre as pioneiras sociais, crítica razoável sobre a mudança da capital.

Impressões da Comissão Julgadora: Tiré, gostou mais dos Turunas, Mozart de Araújo não quis opinar antes do julgamento, e no mesmo caso ficou Mateus Fernandes, o mais antigo membro da Comissão. A opinião de Milton da Costa vai no texto.

«Tenentes do Diabo», os mais populares, e outrora os melhores do carnaval carioca. Não fizeram jus à fama que desfrutavam.



Carros feios e sem imaginação, apresentaram quase todas as sociedades.

As mesmas alegorias e quase as mesmas mulheres de carnavais passados.



Em geral os carros de críticas desapareceram do cotejo das sociedades.

Usando REGULADOR GESTEIRA



A Senhora também poderá **SORRIR**
todos os dias do mês!

REGULADOR GESTEIRA

é um remédio extraordinariamente eficaz no tratamento das menstruações dolorosas e outros distúrbios funcionais dos órgãos femininos.



COMO APRENDER A DANÇAR

8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com os últimos passos de cha-cha-cha, Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritas». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 100,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo

Cynegon



Instituto Biológico do Rio de Janeiro —
Caixa Postal. 1.202

LITERATURA E ARTE

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

O FATO LITERÁRIO

MOVIMENTO CULTURAL AMAZONENSE

♦ NADA CONHECIAMOS, nada, do movimento cultural florescente que se realiza, nos últimos tempos, no Amazonas. Por intermédio do jovem contista Assis Brasil, porém, recém-chegado do grande Estado do norte, ficamos afinal sabendo algo sobre a efervescência literária e artística que atualmente agita Manaus. O núcleo de todo o movimento é o mensário «Nossos Dias», fundado em agosto do ano passado por Francisco Vasconcelos, Antônio Cruz, e João Bosco Evangelista. Também o «Clube da Madrugada» — dirigido pelo poeta Carlos Farias de Carvalho — muito vem contribuindo para o redescobrimiento cultural do Amazonas, patrocinando exposições de arte, conferências e outras manifestações estéticas. Já era, aliás, tempo de o Amazonas integrar-se no seio da família cultural brasileira, de que esteve afastado por tantos anos. É verdade que em Manaus sempre funcionou a Academia Amazonense de Letras, até há pouco presidida por Péricles Moraes, recentemente falecido, e agora orientada pelo escritor Valdemar Pedrosa. Porém, os jovens amazonenses somente agora se agruparam, para fazer seu próprio movimento.

Existem poetas, pintores, cogita-se na formação de uma Orquestra Sinfônica (voltará o Teatro Amazonas a seus áureos tempos?), fundam-se livrarias, em suma: a cidade de Manaus presencia, hoje, um renascimento cultural. E os livros vão sendo publicados: agora mesmo — e sempre graças à gentileza de Assis Brasil —, recebemos dois livros de poetas amazonenses: «Tempo e Distância», de Djalma Passos (1955), e «Varanda de Pássaros», de Jorge Tufic (1957). Jorge Tufic talvez seja, aliás, no momento, o melhor poeta de todo o grupo jovem que se mantém em Manaus. Seus versos são modernos, sóbrios, e denotam não apenas uma sensibilidade poética, como também uma inteligência perfeitamente em dia com as conquistas poéticas contemporâneas. É de se lamentar que, ao lado de um poeta como Tufic, não se encontrem prosadores e ensaístas à altura. Porém, a situação certamente é passageira, e nesse mesmo instante em que escrevemos, talvez esteja surgindo, na longínqua cidade, o ficcionista jovem e talentoso que venha dar novo alento ao conto ou ao romance amazonense. Voltaremos a tratar dos jovens escritores e artistas de Manaus, em momento oportuno; e examinaremos, com mais vagar, as obras poéticas acima mencionadas, de Djalma Passos, e principalmente, de Jorge Tufic.

UM LIVRO

"CATA-VENTO"

De Vivaldo Coaracy

★ A CRÔNICA é gênero literário menor: está para o romance, por exemplo, como a cerâmica para a pintura, como a «romanza» para a sinfonia. Por sua própria natureza — subordinada que é aos acontecimentos quotidianos, que a determinam — sua sina é viver pouco, o mais das vezes apenas aquêles manjadíssimo «space d'un matin» de que trata o poema de Malherbe: raras são as que resistem a uma segunda leitura. E', além do mais, gênero incrivelmente difícil e traiçoeiro, a meio caminho entre o conto e o poema, e de certo modo, também na encruzilhada entre o Jornalismo e a Literatura. Pode parecer um paradoxo, mas nada é tão fugaz como uma crônica, se não falarmos dos próprios dias de que se nutre. Seu perfume é como o de certas plantas: logo se esvai. Algumas, porém, o possuem tão forte, que anos depois ainda o conservam. Essas são recolhidas a livros, para a perenidade. Mas, não será acaso uma espécie, digamos: de traição ao espírito da crônica, essa perpetuidade que lhe incutem, ao transplantá-la dos jornais e revistas, para as páginas do livro?

★ De qualquer modo, acabamos de ler, com interesse, um bom volume de crônicas. Vivaldo Coaracy, seu autor (1), dispensa apresentação. Afinal, esse é seu quarto livro, no gênero, e nada faz supor que seja o derradeiro. Existem, em «Cata-vento», peças boas, umas poucas muito boas, até, ao lado de outras, não tão fortes. Inútil seria falar do estilo agradável de V. Cy., ou da correção gramatical com que escreve. Quanto aos temas de que tratam as peças, vê-se que Vivaldo ama seus cães, seu jardim, a deliciosa Paquetá onde vive, seus semelhantes, sua terra. O que não é pouco, convenhamos. Há muito o que aprender com quem, como ele, já muito viveu, viu e pensou. Além do que, Vivaldo Coaracy escreve de modo simples e convincente, e, embora aqui e ali se note um ou outro travo de dissabor em suas páginas, jamais nelas se encontrará a revolta, mas somente o sentimento de quem entende a vida, ou pelo menos busca entendê-la da melhor maneira. Não há queixas, nem imprecação: apenas de quando em quando, disfarçado sob as camadas da ironia e da ferinidade, um pequeno protesto.

O, que apreciam a crônica certamente passarão alguns agradáveis momentos na companhia desse livro, que possui ainda, a valorizá-lo, uma excelente capa de autoria do jovem artista Poty, a cada dia mais seguro em seu trabalho como ilustrador de talento singular.

(1) — «Cata Vento», de Vivaldo Coaracy. Capa de Poty. Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1956. 310 páginas.

LIVROS EM DESFILE

COTAÇÃO:

* ruim; ** medíocre; *** regular;
**** bom; ***** muito bom.



ensão. Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, 1956. 53 páginas. Cotação: ***).

O PRIMEIRO tomo da «Teoria e Filosofia da Arquitetura», de Adolfo Morales de los Rios Filho, que acaba de nos chegar às mãos, é livro indispensável aos interessados naquela disciplina. Livro que demonstra, aliás, os conhecimentos de Adolfo Morales de los Rios Filho, e que bem traduz sua grande experiência como ensaísta e como professor. (Editôra A Noite, Rio de Janeiro, 1955. 464, pág. Cotação: ****).

ÚLTIMAS EDIÇÕES do DASP, recebidas pelo colunista — gentileza do diretor do Serviço de Documentação daquele Departamento, Manoel Caetano Bandeira de Melo: «Revista do Serviço Público», vol. 71, número 1 (abril de 1956); «Racionalização Administrativa do Brasil», de Wagner Estelita Campos; «Variações sobre o Tema: Opinião Pública», de Raul Lima; «O Relatório Técnico Sobre a Nova Capital da República», realizado pela firma Donald J. Belcher (U.S.A.) para o governo brasileiro; finalmente, «Amaro Cavalcânti», de José Augusto, na série «Pequenos Estudos Sobre Grandes Administradores do Brasil».

BOM LIVRO, é «Vila Rica — Formação e Desenvolvimento — Residências», de Sílvio de Vasconcelos, sexto volume da Biblioteca de Divulgação Cultural do Instituto Nacional do Livro. O autor analisa, com erudição, os fundamentos da cidade, o meio social, o meio físico, as construções, as plantas, os interiores e as fachadas, para isso consultando copiosa bibliografia, e completando seu estudo com minuciosas e numerosas notas de pé de página. Estudo sério e verdadeiramente completo sobre a velha cidade mineira, que bem o estava a merecer (I.N.L., Biblioteca de Divulgação Cultural, Rio de Janeiro, 1956. 318 páginas. Cotação: ****).

NOTÍCIAS VÁRIAS

ALVARO LINS (foto), que ao que parece não se vem saindo muito bem em suas funções como embaixador em Portugal, acaba de merecer um apelido bem demonstrativo da mordacidade e da ferinidade lisboetas: «Toulouse-Lautrec». Isso porque, sendo de estatura mediana e magrinho, recorda no físico o famoso pintor, ao comparecer, metido em sua casa e de cartola alta à cabeça, às recepções oficiais...



CIRCULAM RUMORES de que o general Teixeira Lott, ministro da Guerra, publicará, dentro de algum tempo, um livro de sonetos. Será?

GUIMARAES ROSA já tem novo livro a ser editado, após o êxito de «Corpo de Baile» e de «Grande Sertão: Veredas». Chama-se «Pé Duro Chapéu de Couro», e sairá pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação.

NA COLEÇÃO «Os Novos», idealizada por Simeão Leal, sairá em breve uma coletânea de contos de Macedo Miranda: «Pequeno Mundo de Outrora».

ESTEVE NO Rio o poeta Edward Rodrigues, ex-secretário do Clube de Poesia de Campos. Em conversa com o colunista, contou-lhe que pretende, em fins do corrente, editar um volume de poesia: «O Cotidiano e outros Poemas». Segundo nosso informante, ainda, o Clube dará, em breve, um Curso de Poesia, com a participação de conhecidas figuras da vida literária brasileira.

PELA PRIMEIRA vez em língua portuguesa aparecerá uma tradução de «Cantos», de Ezra Pound. Tal tradução é devida a Décio Pignatari, Haroldo e Augusto Campos, três poetas paulistas que tomaram parte na Primeira Exposição de Arte Concreta, há pouco realizada no Ministério da Educação. O possível editor é Simeão Leal.

ARTES

INFORMAÇÕES

A GALERIA Vila-Rica apresenta uma importante retrospectiva da obra de Sansão Castelo Branco, em suas inúmeras facetas. A morte de Sansão, ocorrida em princípios do ano passado, veio privar o Brasil de um de seus melhores artistas.

ESTER JOFFILY é uma jovem aluna de Osvaldo Goeldi, o grande mestre da gravura, entre nós. A «Petite Galerie», situada ao lado do Rian, na Avenida Atlântica, apresentou, de Ester Joffily, uma pequena mostra de xilogravuras, por onde se pode aquilatar de seu progresso nessa imensamente penosa arte.

A SEÇÃO brasileira da A.I.C.A. (Association Internationale des Critiques d'Art) ainda não pagou sua anuidade ao organismo central, porque alguns de seus membros, infelizmente, até hoje não pagaram suas contribuições relativas a 1957. Antônio Bento, tesoureiro da A.I.C.A. brasileira, faz um apelo para que tal situação seja resolvida o quanto antes.

NOVO LIVRO de Marcel Brion, já chegado ao Brasil, é «Art Abstrait», com várias reproduções a cores. Brion, autor de vários trabalhos não só no campo das Artes Visuais, como também no da Musicologia, da Ficção e da História, tem, nesse livro, um de seus melhores trabalhos. A editôra é a Albin Michel. Do preço em cruzeiros, nem é bom falar.

FRASE DE Leonardo da Vinci — que morreu em 1518 — que bem pode ser aplicada a certos espíritos reacionários, indignados com a Pintura Concreta, é a que segue: «O Pesquisador, não te contentes em conhecer as coisas como a natureza as produz de ordinário, mas cuida de conhecer a origem das coisas que estão desenhadas em teu espírito». E ninguém diga que Leonardo era concreto...

OUTRA FRASE, essa de Pascal — que também não me consta tenha sido concreto — aplicável nas mesmas circunstâncias: «Que futilidade, a da pintura, que atrai a admiração pela semelhança de coisas que não admiramos no original!»

POESIA

J Ô G O

*Eu só; comigo e ante mim,
jogo-me o dado da sorte.
Faces de sombras: amor.
Lances de luzes: a morte.*

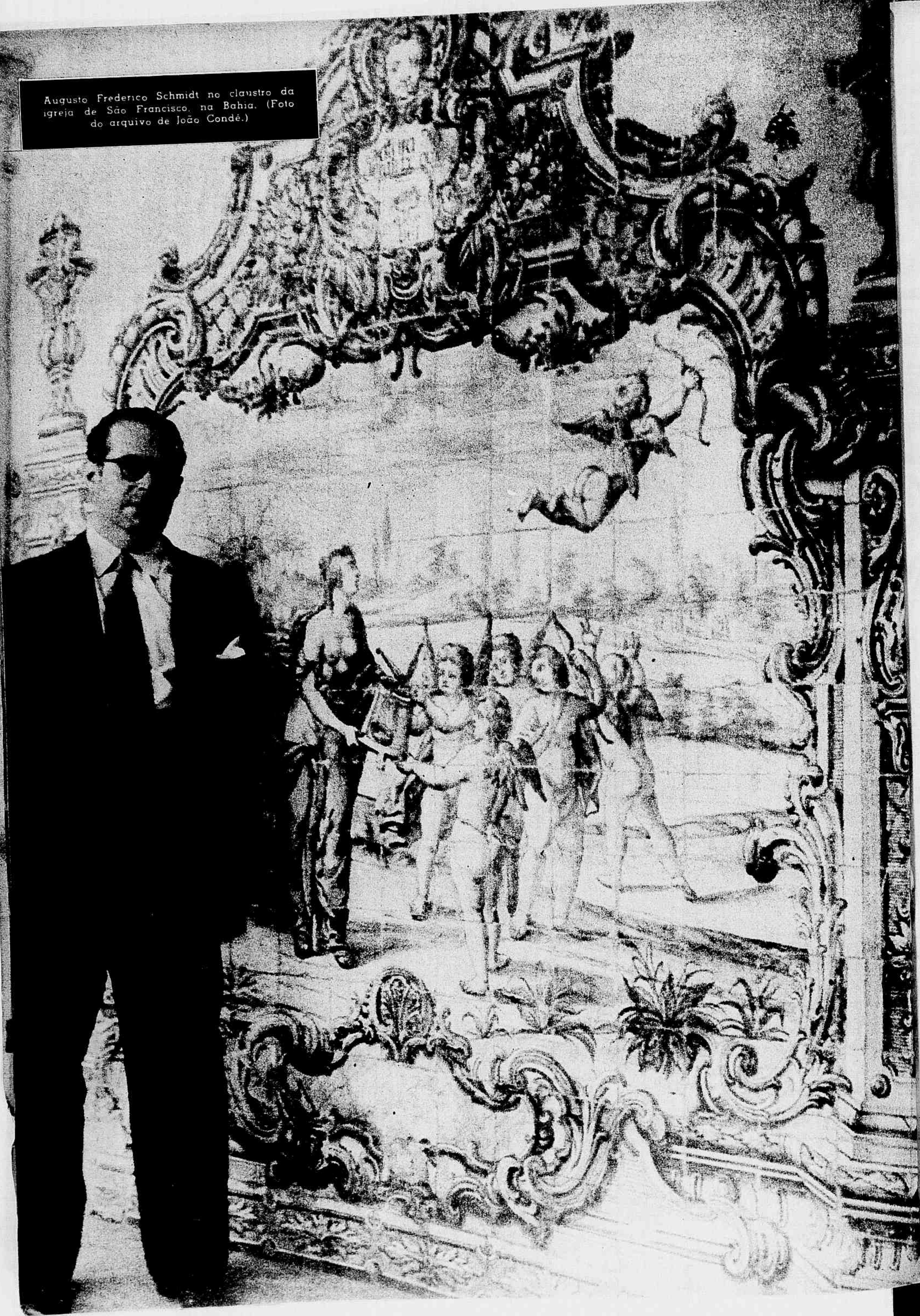
*Sei que figurais meu nome
entre estrêlas singulares,
e severo vos negais
aos altos predestinares.*

*Antes que penda essa mão,
antes que dane êsse dado,
(sôbre o vórtice das horas
lívido lírio inclinado),*

*Senhor meu, parceiro ausente,
considerai minha sorte:
pouco vos peço no amor,
muito vos cobro na morte.*

RUTH MARIA CHAVES

Augusto Frederico Schmidt no claustro da igreja de São Francisco, na Bahia. (Foto do arquivo de João Condé.)



PÁGINAS DO GALO BRANCO

● Ao contrário de Analgometa que só falava para defender-se, para dizer que não queria ver nunca mais a triste criatura que se tornara o fantasma de seu amor, ao contrário disso, Joana Loanda de Albuquerque comprazia-se em fazer confidências, em evocar o passado, em contar histórias curiosas da sua mocidade e da vida toda, desde o tempo da ilha Maurício até ao de suas longas viagens pela Europa. Minha tia Philó, que era a doçura e a paciência em pessoa, que era a encarnação da bondade curiosa, não só tolerava a presença de Joana como provocava as suas conversas. Na pequena sala de visitas da casa da rua Hilário de Gouveia, quantas vezes não ouvi eu, em silêncio, desfilar-se o passado, de Joana e de Analgometa, transformado em puras e melancólicas palavras. A voz de Joana era um tanto metálica; falava ela com um acento aportunado mas em que se surpreendia a educação francesa. Revejo-a chegando à tarde, pela hora do chá. Batia de leve na veneziana com o leque. Pelo toque, logo sabíamos quem era. — Vá abrir depressa que é dona Joana, gritava minha tia Diamantina. Joana Loanda de Albuquerque abria seus braços afetuosamente para minha Tia, comovida com o acolhimento que em outras casas, certamente, não recebia. — “É uma senhora bem educada, de verdadeira hierarquia, que sabe governar suas palavras embora já não governe tão bem suas idéias”, dizia minha Tia, quando zombávamos nós meninos, dos modos funambulescos, do galgo da sombrinha, das luvas compridas, das côres roxas que dona Joana exibía. Possuía, a estranha senhora, expressões verbais inusitadas. Em lugar de dizer que desejava apenas meia xícara de chá ou café, exprimia-se assim: “Aceito uma média xícara.” Isto provocava de nós, meninos, acessos de riso completamente descabidos. **Média xícara, média xícara**, gritávamos rindo no quintal.

● As vezes, porém, nos embebíamos deliciados nas palavras da criatura que chamávamos, entre nós, de feiticeira. A **feiticeira** em certos momentos se assemelhava a um violino falando. Contava coisas que me pareciam extremamente poéticas. Um mundo desconhecido surgia e se ia revelando sedutor e diferente deste nosso mundo, através das narrativas de Joana. Era a ilha Maurício que nascia de suas lembranças como um recanto que só em sonho se podia encontrar outro igual. Navios e barcos a vela passavam no mar muito nítido, levando homens

para a pesca em regiões distantes ou para caçadas perigosas de elefantes selvagens no continente africano.

— Eu era um ser inocente, assustado, pouco mais que uma adolescente quando Analgometa despontou na minha vida. Meu pai era um homem severo, rico, poderoso não só na ilha como em muitos outros países, um verdadeiro fidalgo português, de palavra sempre sagrada; minha mãe natural da Escócia, bela criatura, nascida para outros climas, para a vida em grandes cidades. Em todos os momentos dava a impressão de que sonhava. Relembro-a diante do nosso oceano Índico, de pé, olhando as águas com uma expressão grave onde às vezes surgia uma linha de tristeza marcando seus olhos azuis.”

● As palavras de Joana Loanda que minha tia Philó e eu bebíamos em silêncio, não as saberei reproduzir com exatidão, mas eram mais ou menos tal como essas que me vão saindo da lembrança agora. Escrevo-as comovido. Sinto que o drama da “louca”, que só era louca aos nossos olhos, ficaria para sempre perdido se Deus não tivesse dado o gosto e o fraco poder de escrever. Sinto a responsabilidade de ser o único a pescar no fundo do esquecimento toda a história dolorosa de um amor que merecia ser contado por um grande romancista, por um poeta inspirado que não existe neste mundo de hoje. Joana de Loanda, Analgometa, minha tia, as casas em que viviam nesta cidade e todos os outros seres e coisas que evoco, ninguém e nada disso existe mais. Sou o testemunho de um tempo e de histórias longínquas e que só eu posso reviver.

Nos poucos momentos de que disponho, entre numerosos afazeres aplico-me a espancar fantasmas, a fazê-los caminhar de novo, a fazê-los ressurgir com as suas queixas e as paixões que já conheci extintas.

A mão expressiva de Joana Loanda de Albuquerque, vejo-a pousar a xícara de chá nervosamente sobre a mesa e dizer-nos, com um soluço contido na voz: — Esse homem que foge de mim, que se esconde, que olha sem ver-me, cometia loucuras, afrontava perigos, andava dias e noites seguidos a pé para aproximar-se de mim... Tentávamos acalmá-la temendo um acesso mais violento. Minha tia propunha, então, nos momentos em que o desespero aparecia mais agudo, que a pobre de Deus, bebesse um pouco de água quente com açúcar, remédio para as dores da alma que a ela (minha tia) parecia infalível.

CRÔNICA

EVOCAÇÃO

♦ A gente larga a terra, não sabe movido porque. Sabe que larga, com febre de olhos grandes, gâncias de ver outros mundos, de ser visto de longe, ou aplaudido à distância se bonito fizer. A idade pequena não leva marca de saudade. E' doida, E' vadia. E' corredora. O vento que nos empurra é vadio e o que encontramos no caminho à base de muito amor, mesmo que faça doer os pés ou machucar o coração, é vida que se gasta bem, é ternura que se ganha de graça. Longe pode ficar a terra, mais longe, ainda mais e nossos olhos para frente sempre são caminhadas, num eterno dar braçadas em busca do ponto em que o mar se junta ao céu. Tantos e tantos fugiram assim do meu Recife, comigo, depois sôzinhos. De repente paramos para uma meditação e se muito longe estamos, tememos a volta. O céu que nos cobre é outro, a terra que caminhamos, de outro calor. Mas ficamos presos como toxicômanos semimortos, mãos prêsas, pés atados pela sedução primeira. Um punhado de quadros sem nitidez desfilam diante dos nossos olhos cansados de mais e mais buscas. E a terra ficou lá. Onde andarão as crianças do Derby, das calçadas da rua do Pires, da rua do Príncipe onde viveu meu avô? Ouvir o seu canto outra vez. Sentir de novo o perfume do jasmim do Cabo que enchia tôda uma rua clara de lampiões! E os lampiões? Vistas que vêm de uma cidade outra que nasceu sôbre aquela que eu deixei. Tão depressa assim? Então, outros meninos vieram e os que ficaram viraram homens grandes, moças casadas, gente de problemas e sem inocência como aquele mesmo que fui eu em fuga. Então tudo está morto, porque meus passos se alongaram. Essa saudade que fica remoendo dentro do peito pode ser mentira minha. E' mais remorso ou vergonha. Meu lugar poderia ser ali, naquela comarca de uma cidade do interior, com meu anel de doutor tendo valia, o meu diploma como documento de minha passagem nas carteiras onde tantos homens ilustres se assentaram. Teria um punhado de filhos. Seria, talvez, até um homem sabedor de coisas — não por ouvir falar — vindas dos livros que o tempo e a calma me permitiam ler. Mas qual! Fui, sem memória e sem medida certa de tempo. E agora o tempo já não esperou mais e a sedução me cercou pelos sete lados. De quando em vez a gente se contenta em saber de coisas. E' o amigo que chega e conta do Recife: «a rua da Palma, a rua da minha infância... a casa nem existe mais. E o mais? Tudo existe. Não existe o de meu. Nelson Ferreira fez dêsse resto de coração uma saudade só, mandando as moças da «Batutas de São José» cantar um dos seus frevos. Mandou, que eu sei, que ela acordasse a mim e êsse punhado de desertores. E agora, daí em diante a viagem é mais simples e aquele ontem irremediável e inexistente: é ouvir e ouvir muito aquela «Evocação» e sofrer calado, sem chorar, porque afinal é como o velho Lôbo sempre dizia: homem que é homem não chora... Uma das maiores mentiras que meu pai já aprendeu e ensinou.

EM MATÉRIA DE DISCOS:

A "Columbia" nos manda dizer que tem essas novidades na praça: um bolero intitulado "Vício" gravado por Ellen de Lima e outro bolero (êste autenticamente mexicano, pois o primeiro é feito em casa) gravado por "Los Panchos: "Ya Me Voy". Também na mesma fábrica podemos conseguir ouvir Doris Day, a notável, cantando: "Que Será Será".

LONG PLAYING

Vale assinalar êste que a "Odeon" botou na rua sob o título de "Oh! Rocke".

Tem nas duas faces estas melodias:

- ★ OH LADY BE GOOD.
- ★ OH! ROCK!
- ★ COOL TRAIN.
- ★ GABBY'S GABBIN!
- ★ GLADYSEE BOUNCE!
- ★ AIR MAIL SPECIAL
- ★ GATES STEPS OUT
- ★ KINGFISH
- ★ SAMSOM BOOGIE
- ★ DONT FLEE THE SCENE SALTY
- ★ JUMPIN WITH G. H.
- ★ LOVE YOU MAD.

Isso tudo vem com a Orquestra de Lionel Hampton o que quer dizer: tudo bom.

QUATRO ASTROS SÃO NOTÍCIAS



JORGE VEIGA, como Caymmi, comprou também um sítio. O dêle é em «Itaguai» e como a moda é cantar e louvar o pedaço da terra, Jorge já gravou um samba com o nome do seu chão. Para o Carnaval êle está vendendo «Palhaço», que é o seu samba de fé.



CAUBY PEIXOTO, parece que vai — ou já foi — para os Estados Unidos outra vez. Ninguém sabe ao certo o que faz o moço por lá, pois a publicidade diz sempre que êle está agradando em «rádio, boite e televisão. Isso é vago, a gente sabe que êle faz sucesso mesmo é aqui.



HÉLIO PAIVA é um dos novos, mas é cantor mesmo. Não trabalha à base do auditório e prefere agarrar o gênero sério e limpo. Quem quiser ouvi-lo, êle está sempre naquele programa da Nacional: «Pelas Estradas do Mundo», onde cêrpo e orquestra interferem magnificamente.

ESTA LETRA

O «Frevo» mais comentado e mais comprado é do pernambucano Nelson Ferreira, que não conhece os discotecários cariocas, não é do grupo da «marmelada» e está correndo o páreo em vendagem — que é o que interessa — com «Maracangalha». Muita gente quer saber da letra. Ela aí vai:

«Felinto... Pedro Salgado
Guilherme... Fenelon
Cadê teus blocos famosos
«Bloco das Flores, Andaluzas
Pirilampus «Apois Fum»
Dos carnavais saudosos?

Na alta madrugada
O côro entoava
do bloco a marcha regresso
que era o sucesso
dos tempos ideais
do velho Raul Morais...

Adeus, adeus minha gente
Que já cantamos bastante
E Recife adormecia
Ficava a sonhar
Ao som da triste melodia

E ESTAS NOTÍCIAS

- ★ Nat Cole atua no seu primeiro filme dramático, intitulado «China Gate».
- ★ Bing Crosby recebeu o seu vigéssimo disco de ouro (Fernando César recebeu o primeiro). Este prêmio ele alcançou porque uma das gravações atingiu a média de um milhão de exemplares vendidos. Era: «Tree Love» a música.
- ★ A «Capitol» pretende lançar brevemente a música do filme da 20th Century Fox, «The Girl Cant Help It», com Ray Anthony.
- ★ A trilha sonora do filme «Assim Anda a Humanidade», da Warner, no qual atuam Elizabeth Taylor, James Dean e Rocky Hudson, está entre os dez long playings mais vendidos nos Estados Unidos. A «Capitol» lançará no Brasil esta gravação quando o filme for apresentado entre nós.



CARLOS GALHARDO continua sendo o maior recordista de vendagem de disco. É um cantor de classe e todos os anos grava sempre uma melodia para São Jorge que é seu protetor. Está fazendo São Paulo, mas tem público no Brasil inteiro.

CAYMMI FAZ MARACANGALHA MAIOR QUE BRASÍLIA



Caymmi recebe do sr. Morris, diretor da «Odeon», 215 mil cruzeiros dos direitos autorais de «Maracangalha».

UM NOME DE UMA CIDADE QUE NÃO EXISTE — PORQUE É PÉSSIMA — CONTRA OUTRA QUE NÃO EXISTE MESMO ★ O POVO É CAPAZ DE QUERER «MARACANGALHA» COMO CAPITAL ★ PASSÁRGADA FOI POEMA MAS «MARACANGALHA» EXISTE ★ E VAI DAÍ...

◆ ORA, QUE AS COISAS sempre acontecem como o poeta Vinícius de Moraes disse em verso: «de repente, mais que de repente». Este Brasil inteiro está inteiramente sacudido por uma música chamada «Maracangalha». O seu autor — bem pouco importa o autor — poderia ser um homem do morro, ou mesmo um acadêmico em tentativa. Não importa. A verdade é que quem inventou a composição tinha anteriormente, um material enorme de trabalho de apresentação, para não ser descoberto por algum colunista desavisado, nem dêsse homens da noite sem assunto. Dorival Caymmi, nascido na rua do Bangala, na BaHIA — BaHia, com H, que ele faz questão, já aparecia neste pobre R. de Janeiro por volta de 36 com «O que é que a baiana tem». Na hora de largar a sua terra, teve as conversas regulamentares de um pai que disse apenas: «não se meta em política e faça-se homem». Caymmi teve em volta dele tudo o que poderia ser um convite à corrupção. A gente «bem» desde logo o agarrou pelo peito achando-o figura, pessoa, coisa a bem da tristeza que todos eles carregam. Mas o vadio caminhou, sem dar cheques sem fundos, sem amar moça rica, sem tomar delas o carinho que elas davam de graça e foi casar mesmo em Olaria com essa Stela que é a mesma Stela mãe dos filhos que ele tem.

◆ MARACANGALHA É RUIM

Quem sabe do repertório de Dorival Caymmi sabe bem que esta música que lhe deu 250 mil cruzeiros num trimestre de direito autoral, é sem dúvida a pior música que ele compôs. A pior, não! A música menos boa. Caymmi desde que chegou ao Rio soube querer. Não se misturou. Não deu parceria e, as poucas que tem, não marcam ponto no seu repertório. Ele é ele mesmo, uma espécie de onda revôlta, frio, embora sorridente, orgulhoso e vaidoso, parecendo franco, mas caminhando e caminhando sempre. Andou atrás de uma estrela que foi sua. Sabia dela e só a tomou quando ela brilhou forte na parte material. Estava cansado de cantar o «Mar» sem faturar e aceitou os elogios de Antônio Maria que o chama agora de «meu irmão», sem lembrar que foi aquele mesmo que o despediu da Tupi, há tempos atrás. O vento apaga coisas e quem tem armas de talento caminha bem. É melhor fazer «Maracangalha» — uma música ruim —, do que ser parceiro de um cronista social... e eles estão virando compositores ultimamente.

◆ O MESMO QUE NOEL

«Maracangalha» é uma música que tem mais de um ano de idade. Basta ser sucesso e Caymmi aparecer mais para que muitos se juntem a ele — Caymmi — e se digam presentes na hora da composição. Já ouvi de grã-finos sem níquel, a velha frase de: «já joguei muito bola de meia com Noel. Noel era um simples, das noites sem nada e se jogasse bola no pôsto dois, morreria mais depressa». Agora Noel está morto e Caymmi de amigos novos, de parceiros espirituais novos.



**O SAMBA DESCEU O MORRO E
TOMOU CONTA DA CIDADE**

DESFILE DAS ESCOLAS DE SAMBA — «PORTELA», «ACADÊMICOS DO SALGUEIRO», «IM-
PÉRIO SERRANO» E «MANGUEIRA», AS MAIS ESPETACULARES — DESSE GRUPO SAIRÁ
(FATALMENTE) A VENCEDORA — OS «APRENDIZES DE LUCAS» NÃO CONFIRMARAM A FA-
MA E O SUCESSO DOS ANOS ANTERIORES — 22 ESCOLAS DESLUMBRARAM (E DOMINA-
RAM) UMA MULTIDÃO DE CURIOSOS — APRECIACÃO SÔBRE CADA UMA DELAS.

Reportagem de LUIZ SODRÉ

Fotos de VITO VASCONCELOS



Acadêmicos do Salgueiro, uma das
melhores «escolas» que desfilaram.
Como todo ano, fêz excelente figura.

As famosas baianas da Império Ser-
rano. Deslumbraram e provocaram
enormes aplausos. A mais conhecida
das escolas de samba confirmou o
seu enorme cartaz.



O SAMBA DESCEU O MORRO

As «escolas» e as «sociedades» salvaram o carnaval de rua. Vinte e duas escolas de sambas desfilando pela Avenida Rio Branco (pela primeira vez em toda a história do carnaval carioca) e apresentaram um espetáculo belíssimo e bastante aplaudido. Damos a seguir uma apreciação sobre cada uma delas.

UNIDOS DE CABUÇU

ENREDO: Sinfonia do Trabalho. Ritmo: bom, embora com pouca gente. Bem disciplinada, e com todo o pessoal bastante treinado.

ACADÊMICOS DE SALGUEIRO

ENREDO: Navio Negreiro, muito bem explorado. Bateria treinada e com ritmo excelente. Mas desfilou cedo demais, quando nem toda a comissão julgadora estava presente.

FILHOS DO DESERTO

ENREDO: Exaltação à Medicina. Alegorias ótimas, mas bateria com pouco ritmo e meio desenhada.

UNIDOS DE VILA ISABEL

ENREDO: Último Baile da Ilha Fiscal, original e revelando imaginação e interesse social. Escola pequena mas de futuro. Bateria ordenada, mas também com poucas figuras.

UNIDOS DA TIJUCA

ENREDO: Fascinação do Ouro e Diamantes.

Alegorias razoáveis, ritmo normal. Disciplinada. Vai obter uma boa colocação no segundo grupo.

FLOR DO LINS

ENREDO: Sonho de um Mártir. Escola pequena, sem maiores pretensões mas aproveitando bem os motivos apresentados. Ritmo bem controlado, mas um pouco baixo.

CAPRICHOSOS DOS PILARES

ENREDO: Exaltação ao Gen. Osório. Simples, pequena, mas homogênea.

UNIÃO DO CENTENÁRIO

ENREDO: Constituição do Brasil. Estreante. Veio de Caxias. Carros bons, ritmo regular, fantasias caprichadas.

UNIDOS DE BENTO RIBEIRO

ENREDO: Fundação da Cidade do Rio de Janeiro e seu Progresso. Foi a que apresentou o enredo mais longo e mais pretensioso. Não agradou muito.

UNIDOS DA CAPELA

ENREDO: Petrobrás. Foi a melhor apresentação da veterana Capela, nos últimos 10 anos. E parece ter derrotado seu eterno adversário, Aprendizes de Lucas. Bateria numerosa e bem ritmada, baianas disciplinadas e com belas fantasias.

Uma das famosas baianas da Império Serrano campeã de tantos carnavais. Foi a mais aplaudida e a que apresentou o melhor ritmo.



«Molequinho», chefe da bateria da Império Serrano, mostrou ser mestre em ritmos variados.

BEIJA FLOR

ENREDO: Riquezas do Brasil. Fantasias fracas, ritmo sem coordenação. Alas com pouca disciplina.

PAZ E AMOR

ENREDO: Trabalho, Indústria e Lavoura. Pequena, mas esforçada, embora não destile para prêmios.

PARAÍSO DO TUIUTI

ENREDO: Brasil República. Prejudicada por um acidente que quebrou duas de suas carretas. Desfilou muito tarde e fora de ordem em virtude do acidente.

UNIÃO DE JACAREPAGUÁ

ENREDO: Exaltação a Pedro Primeiro. Bem me-



As baianas dominaram o desfile e apareceram em muitas «escolas». Mas as mais bonitas foram sem dúvida as baianas da Império Serrano.

lhor do que no ano passado. Bateria boa, evoluções razoáveis e fantasias luxuosas.

ESTAÇÃO PRIMEIRA

ENREDO: Brasil, Rumo ao Progresso, encantou e despertou os primeiros aplausos sérios da noite. Mais de mil figurantes apresentou a famosa Mangueira. Fantasias excelentes, «alas» de luxo extraordinário. O corpo de baianas (famoso), como sempre foi o ponto alto. O melhor mestre-sala de todo o desfile foi de Mangueira. E o ritmo da Estação Primeira dominou durante mais de uma hora toda a Avenida Rio Branco. Uma das concorrentes mais sérias ao título.

IMPÉRIO SERRANO

ENREDO: Brasil Império, muito bonito e bem aproveitado. A mais famosa escola brasileira jus-

tificou a fama. «Fuleiro», como sempre o grande condutor da campeoníssima, deu outra aula na direção da verde e branco. E «Molequinho», dirigindo a bateria entusiasmou a multidão. É um verdadeiro Maestro, arrancando ritmos infernais de instrumentos os mais variados. Duas «alas» mais aplaudidas. «Damas da corte», que soube aproveitar muito bem as saias rodadas e «Baianas da Cidade», também formidáveis. Apresentou como novidade, conjunto coral, abrindo o desfile, de muito bom efeito. Difícilmente a Império Serrano perderá o título.

PORTELA

ENREDO: Legado de D. João VI. A sua bateria além de harmoniosa (defendendo a grande tradição de seu famoso criador) foi a mais bem

fantasiada. Título que lhe pertence sem sombra de dúvida. Apresentou um conjunto com 1.300 figurantes. Como curiosidade assinala-se que seu enredo foi quase idêntico ao da Império Serrano.

APRENDIZES DE LUCAS

ENREDO: Gratidão do Sambista. Pela primeira vez em sua história «os aprendizes» decepcionaram. Bateria fraca, enredo mal explorado, fantasias pobres e sem cuidado.

AS MAIS FORTES

Indiscutivelmente o título está entre Império Serrano, Portela, Mangueira e Acadêmicos do Salgueiro, os grandes de todo ano. No bloco dos grandes só Aprendizes de Lucas não está no páreo.



Rose Rondelli (de calcinha de nylon e combinação preta) desafiando polícia de menores. Ao seu lado o capitão (ou major?) Diamantino e mais duas figurinhas difíceis.

MAURO BRAGA
EM QUITANDINHA

O CONDOMÍNIO ACABOU COM O CARNAVAL



Carnaval de braços abertos e de lança-perfume bem cheirado. A simpática moça de preto brincou em Quitandinha, sempre na mesma pose, só descendo da mesa para tomar a «prise» do costume.

NUNCA TANTOS FORAM TÃO LONGE POR TÃO POUCO ★ MAS PELO MENOS SALVOU-SE
A FREQUÊNCIA, QUE FOI BOA ★ MUITO DIFERENTE DO CARNAVAL DE 4 ANOS ATRAS
★ MUITAS CELEBRIDADES ESPIANDO, MAS POUCAS SE DIVERTINDO ★ TALVEZ A PRE-
SENÇA DE CELSO KELLY E PARSIFAL BARROSO TENHA CONTRIBUIDO PARA ESTRAGAR
A FESTA ★ UMA NOTA ORIGINAL: NENHUMA BRIGA EM CINCO HORAS DE BAILE

Fotos de ARNALDO VIEIRA



Alegria, beleza e riso franco em Quitandinha. Mas pouco carnaval.

NO roteiro do carnaval «bem», Quitandinha tinha seu lugar marcado. Quando o folião fazia o programa para os dias de carnaval, não deixava nunca de reservar o domingo para o baile do Quitandinha. Sábado sempre foi do Copacabana. Segunda nem se fala: Municipal. E domingo, Petrópolis. Mas isso foi há anos. Até 1954 para sermos mais exatos. Depois, veio a venda em condomínio do hotel colossal, a invasão dos bárbaros, e o abandono da tradição. 1955 já marcou a primeira decepção do carnaval do Quitandinha. Mas atribuiu-se a uma circunstância passageira. Em 1956 essa queda se acentuou perigosamente. E agora, em 1957 foram afastadas definitivamente as dúvidas: o carnaval de Quitandinha acabou. Não adianta mais nada. Nem a simpatia e o cuidado da administração da Casa. Nem o bom gosto da decoração. Nem a distinção e a fidelidade do pessoal de serviço.

Logo que chegamos a Petrópolis, recolhemos a informação: nem mil lugares haviam sido vendidos. Ao contrário dos outros anos, quando a procura era intensa, ninguém queria saber de mesa, e poucos se interessavam pelos ingressos pessoais. No grande «hall» de entrada, no bar e nos corredores, onde nos outros anos o carnaval estalava com fúria, conversava-se pacatamente, discutia-se política e futebol, quase nem se tomava conhecimento do carnaval. Numa grande mesa o Embaixador Edmundo da Luz Pinto, o deputado Edilberto Ribeiro de Castro e o jovem Cezario Mello Franco, conversavam. Este, aliás, abandonando uma fase de futilidade e alheamento, resolveu se encontrar com as tradições da família e vem revelando uma notável seriedade, um interesse exemplar por problemas sérios e pelo con-

tacto com gente mais velha e experiente.

No bar, nenhum movimento carnavalesco até às 10 horas. Depois, com a notícia de uma festa (só para rapazes e moças), na Fazenda In-rlêsa, mais se acentuou a tristeza. E só com a chegada de Niemeyer e seu grupo, aí por volta das 11 horas, é que o carnaval fez sua aparição em Quitandinha. Primeiro, num canto isolado, depois se espalhando pelo bar, para finalmente incendiar todo o Hotel. E no bar o carnaval resistiu até a hora da manhã, quando todos começaram a se transferir para o Teatro mecanizado, onde era o baile propriamente dito.

No bar, muitas celebridades. Brigadeiros em penca: Nero Moura, Fleiuss, Vasco Secco, Dario Azambuja. Jornalistas famosos em profusão: Medeiros Lima, Sérgio Porto, Vão Gogo, Gilson Amado, Herbert Moses. Políticos: Draut Hernany, querendo saber novidades; Vieira de Mello, com cara amarrada para se fingir de importante; Levi Neves tratando de sua candidatura a Prefeito; Paes Leme preocupado com o metrô; Gilberto Marinho tão tranquilo quanto pode estar um Senador que tem ainda 6 anos de mandato pela frente, e que sabe que seu mandato é mais longo do que o do próprio Presidente da República. O Country quase em péso inclusive se dando ao luxo de levar o garçon Michel a tiracolo. Homero Lopes numa fantasia muito elegante (a fantasia ficou em casa,

mas ele descreveu-a com tal luxo de detalhes que deu impressão de presença); Ilde Garavaglia, uma beleza de calça vermelha (tipo Rock 'n Roll) e blusa azul; Eloisa Dolabela, valorizando e dando realce ao tão injustiçado amarelo; Rosinha (a doce Rosinha), confundindo este repórter que não sabe dizer se ela estava mais bonita do que nunca ou do que sempre; Vera Dolabela, presença admirável e encantadora; Fernandinho Pessoa de Queiroz, eufórico com o carnaval mas triste com a ausência de seu amigo André Jordan; Dirce Azambuja, gracil (está certo?) e comunicativa; o diretor do Country Vieira Machado e sua senhora; o simpático Plininho Carvalho; o Coronel Hugo Bethlen, mexendo os seus cor-deis mesmo no carnaval e muitos outros.

No baile, alguma animação depois das duas horas da madrugada. Pouca gente fantasiada. Mas muita gente conhecida. Gilda Leraud, com uma escrava que resistiu a quatro dias bem contados; Denize, idem no sobrenome e idem na resistência da fantasia de baiana; Jair Negrão de Lima, inseparável de José Mauro; Ana Lúcia Valadares muito bonita, dando trabalho a seu marido, o simpático Vinicius: um gosta de carnaval, o outro não; Norma Primo, soltinha com a viagem do Tarso numa fantasia que era mais uma receita para emagrecer: malha das pernas à cabeça e movimentos ginsticos de 11 às 4 da manhã; o governador Miguel Couto, de paletó e

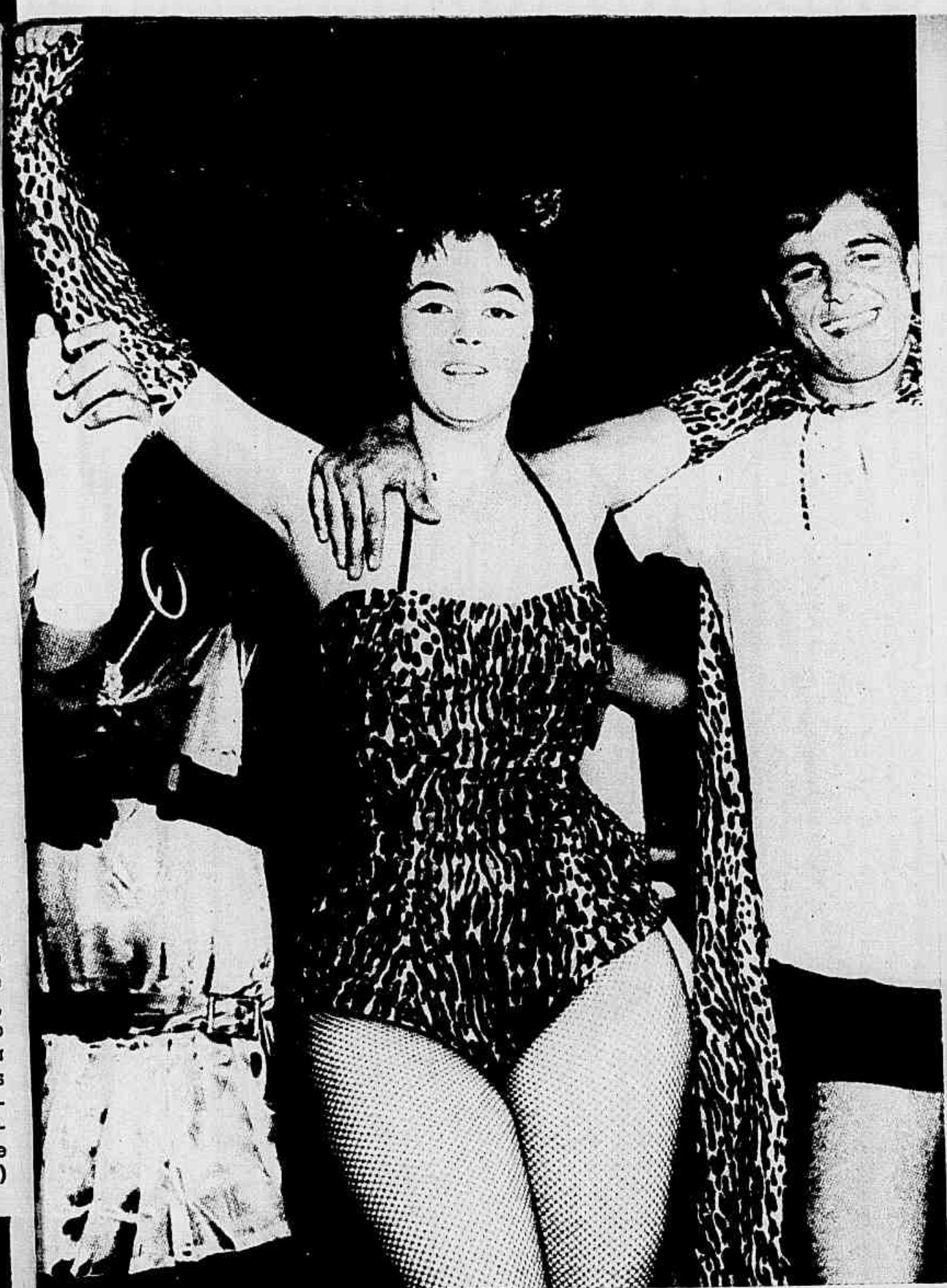
(Continua na pág. 26)



Esta jovem prometeu ao repórter uma pose especial se ele desistisse de fotografá-la cheirando lança-perfume. Cumpriu a promessa.

e
o
a
-
r
e
o-
n-
e
al
u
a-
ra
ti-
el
or-
os

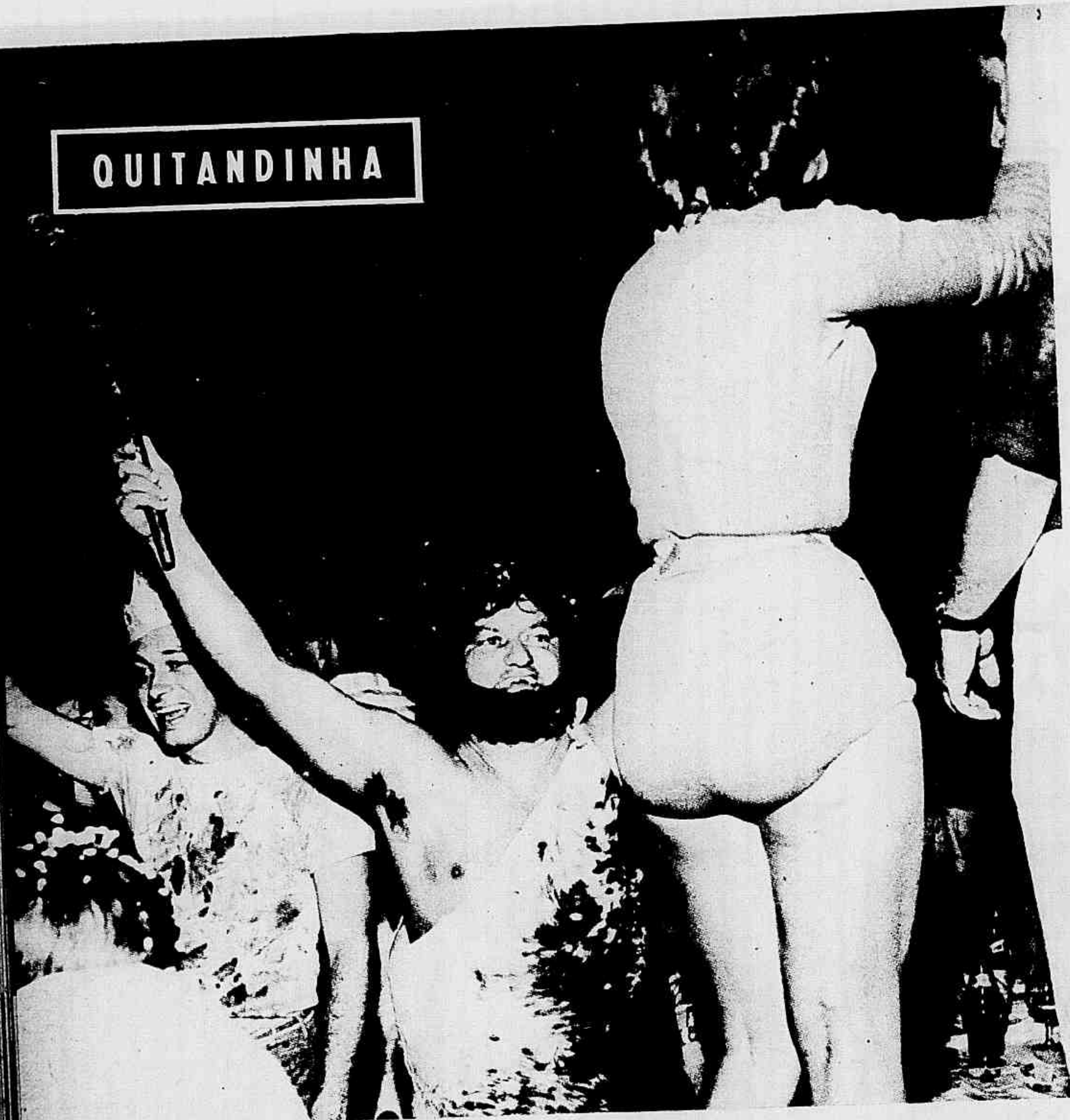
e-
la.
ita
om
tro
no
da
de
ro;
ita,
o
de
mo,
urso
ma
das
gi-
go-
tó e
26)



CARNAVAL DE PERNAS DE FORA EM QUITANDINHA

perfume.

QUITANDINHA

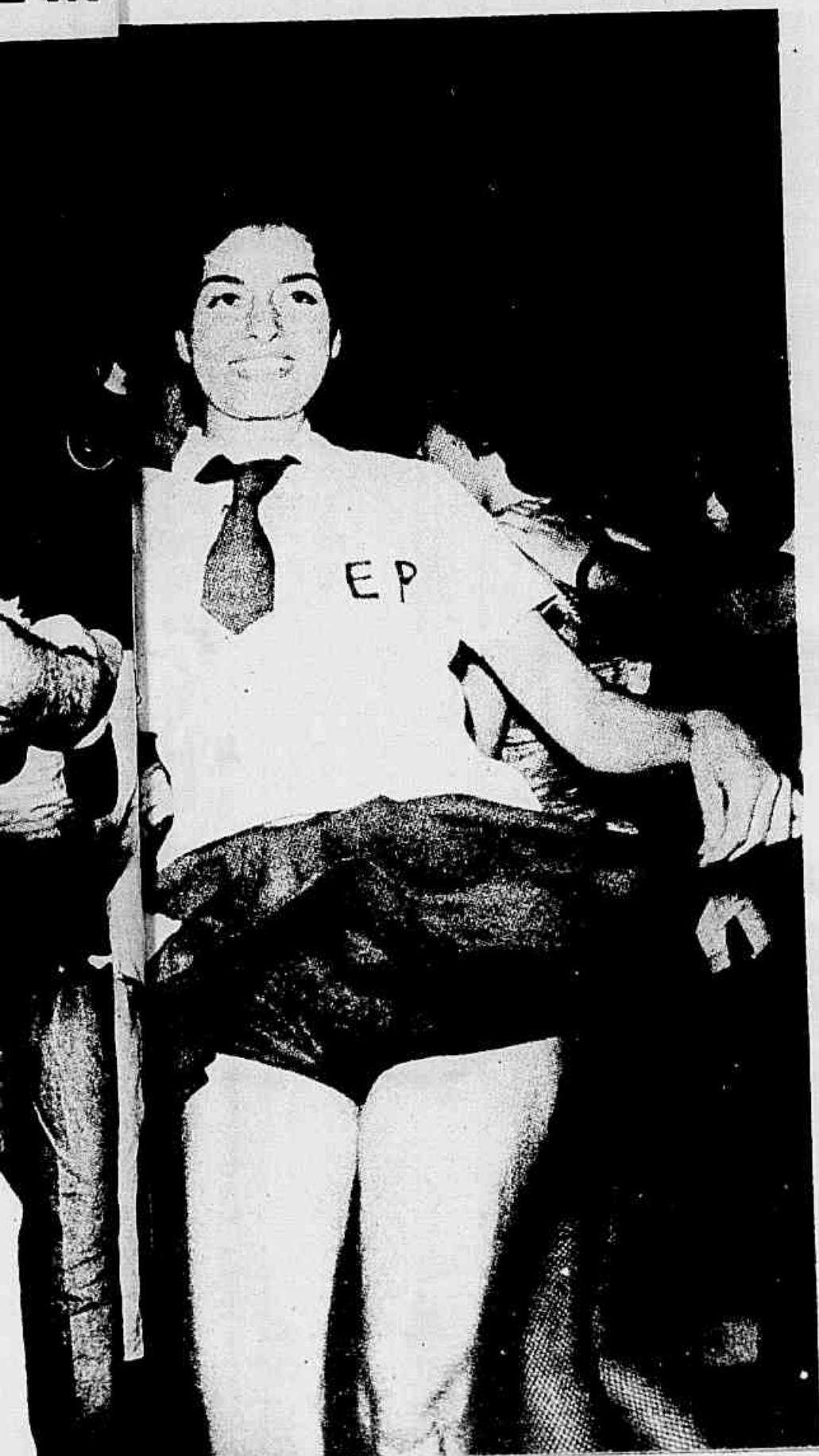


MUITA MULHER (FEIA) E POUCO HOMEM EM QU





EM QUITANDINHA





RIBEIRÃO PRETO

ARARAS
LEME
PIRASSUNUNGA
PORTO FERREIRA
CRAVINHOS

**12 VIAGENS
POR DIA**

PARTIDAS DE SÃO PAULO
6,05 - 7,05 - 11,05 - 15,05 - 18,05 - 22,05

PARTIDAS DE CAMPINAS
7,30 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 19,50 - 23,50

PARTIDAS DE RIBEIRÃO PRETO
5,40 - 8,50 - 12,50 - 16,50 - 21,50 - 23,50



AGÊNCIAS:

SÃO PAULO
Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

CAMPINAS
Pça. Flor. Peixoto, 292 (lgo. da Estação) - Fone 5848

RIBEIRÃO PRETO
Rua Alvares Cabral, 287 - Tel. 2385

VÁ PELO MELHOR!



**EXPRESSO
BRASILEIRO**
VIAGENS Lda.

AZASO EB-5

O CONDOMINIO

camisa esporte, inteiramente alheio e muito mais preocupado com as manobras do sr. Amaral Peixoto do que com o carnaval; Rose Rondelli, mais vedete do que nunca; João Luiz Soares na primeira folga dos últimos dois anos e procurando aproveitá-la todinha, enquanto seu amigo Juscelino repousa um pouco o seu dinamismo em Brocoió; João Labour, (quem diria) cruzando serpentina e cantando os últimos sucessos; José Cândido Ferraz, inquieto, politicando até sozinho; Gustavo Capanema Filho, Virgílio de Góis e Jorginho Doria, exi-

bindo uma falta de vocação carnavalesca comovente.

As 4 horas, quando a festa terminou, restaram duas certezas: Primeira: não houve nenhuma briga; consequência natural da ausência de polícia. Está provado que no carnaval, onde não há polícia não há briga, pois em geral todas elas são provocadas e alimentadas por eles. Segunda: a presença de Celsa Kelly e do Ministro Parsifal Barroso contribuiu (e muito) para o fracasso do carnaval de Quitandinha. Pois não há animação que resista a dois homens tão feios e tão «bo rocachôs».

HIGIENE MENTAL

JOAO BAPTISTA COTTAS
CHEFE DO SERVIÇO MEDICO DA ADEM

Compreende-se por higiene mental o poder que tem o espírito de afastar de si todo e qualquer pensamento de dúvida, malquerença, perversidade ou enfermidade.

Conforme pensamos assim atraímos, eis um axioma racionalista que não falha.

Higiene mental e higiene física estão ligadas entre si. Ambas se completam. O espírito sente-se bem e feliz quando o seu corpo, — a matéria física, — goza saúde. Daí se dizer: — alma sã em corpo sã.

Todo o estado mórbido tem a sua causa interior ou exterior. Ele se produz por meio das doenças hereditárias ou através a ação funesta e maléfica das circunstâncias ambientes que pre-dispõem o indivíduo.

Em um ambiente sadio, moral e fisicamente, onde imperem pensamentos salutaris; onde a inveja, a maledicência, a raiva, o ciúme, o ódio, não tenham guarida, haverá saúde, alegria, paz e tranqüilidade espiritual.

E' através essa força poderosa, o pensamento, que se formam e criam os bons ou maus ambientes, que se atraem os bons ou mais elementos, os fluidos benéficos ou maléficos.

A mente higienizada, através irradiações de harmonia, pensamentos elevados, de moral e espiritualidade, isenta de perturbações, tudo poderá conseguir.

O espírito do indivíduo portador de um estado mental higienizado, adquirirá sobre o corpo — a matéria física — um domínio absoluto, capaz de preservá-lo contra as enfermidades ou intempéries da vida.

Que seria de alguns médicos, se ao penetrarem em ambientes pútridos, moral e fisicamente, não estivessem com o seu mental higienizado, limpo, apenas possuídos do desejo de bem praticarem a ciência e beneficiarem o enfermo que sofre? ...

E' cumprindo com abnegação o seu dever, que os médicos conseguem atravessar, nos maus tempos, as duras privações e as dificuldades e perigos da sua existência física e moral.

Conhecemos o caso de certo médico, chamado para atender a um enfermo, portador de uma doença infecciosa, a qual já havia causado algumas vítimas, e que ficando exposto a um contágio inevitável, conseguiu salvar-se pela ação determinada de uma vontade firme e uma mente higienizada, límpida, repleta de pensamentos elevados e nobres.

O indivíduo portador de um espírito forte e uma mente lúcida, fica com o poder de afastar do corpo físico as enfermidades, pois é preciso que se saiba que qualquer estado mórbido, quando se manifesta no corpo físico, já teve sua origem no corpo astral, matéria fluidica, que serve de intermédio entre o corpo físico e o mental.

O indivíduo que se inquieta e preocupa demasiadamente com o estado de sua saúde, que só pensa em enfermidades, demonstra ser um doente imaginário e arrisca-se a ficar demente.

A vontade forte governa e domina o homem. A higiene mental e física, fazem com que o homem seja senhor de si.

Haja saúde do corpo e do espírito, domínio próprio, e as doenças diminuirão.

O cuidado que todo o indivíduo tem em fazer a sua higiene física: escovar os dentes, tomar banho, mudar de roupa, andar sempre aseado, esse cuidado também deve tê-lo com o seu espírito. E a higiene deste consiste justamente na prática das boas ações, nos pensamentos elevados e dignificantes.

O espírito só se sente bem num corpo sã.

Ele sofre tremendamente quando seu corpo está enfermo, quando não pode vibrar sobre as células que compõem o mesmo.

Onde não há higiene, há doença, onde não há elevação de pensamentos, a higiene mental, formam-se conflitos espirituais, emocionais, os quais produzem doenças orgânicas.

As emoções desagradáveis produzem tais mudanças nos tecidos do corpo que podem provocar estados mórbidos.

Em alguns casos, as úlceras de estômago; a pressão arterial, baixando e subindo; algumas doenças do coração são o resultado de um distúrbio nervoso. Certos órgãos, os intestinos, a bexiga, os pulmões, deixam de trabalhar convenientemente, devido a determinadas perturbações emocionais.

E o responsável por tudo isso, é o mau estado psíquico, é a falta de higiene mental, é o desequilíbrio do espírito.

Uma grande parte das dores físicas tem origem psíquica.

Os temperamentos emotivos sofrem muito mais. Estão mais sujeitos às vicissitudes da vida, sofrem mais as influências externas e internas do ambiente em que vivem.

Higienizemos nossas mentes, façamos a profilaxia necessária e teremos mais saúde física e mental.

(Transcrito de A RAZÃO)

ÚLCERAS VARICOSAS

FERIDAS CRÔNICAS E ECZEMAS
DOS MEMBROS

São eliminados, com facilidade, em 90% dos casos, com a aplicação, em média, de quatro Ataduras Compressivas

UNAPASTE

A venda nas boas farmácias

Estrada de Ferro Central do Brasil

VIAJE COM CONFORTO E SEGURANÇA — Estão circulando entre Rio-São Paulo e Rio-Belo Horizonte os trens de luxo, dotados de todas as condições de conforto moderno. As composições são modernas, com vagões inoxidáveis, com amortecedores hidráulicos, dispostos em camadas para os superiores, dormitórios, etc., providos de ar condicionado. O preço do leito é de Cr\$ 100,00 para os superiores — as cabines de dois leitos. Para os inferiores o preço é de Cr\$ 150,00. Nos trens «Noturnos» o preço do leito é de Cr\$ 90,00 para os inferiores e Cr\$ 70,00 para os superiores. O percurso reduzido de uma hora e vinte minutos. Obedecerá ao horário abaixo:

HORÁRIOS (Com as últimas alterações)

1) — Ramal de São Paulo
TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)
— I D A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
D. Pedro II	—	20.40
Barra do Piraí	—	21.40
Cach. Paulista	—	—
Roosevelt	—	—

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
Roosevelt	—	22.50
Cach. Paulista	—	3.12
Barra do Piraí	—	3.15
D. Pedro II	—	—

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (D-3)

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
D. Pedro II	—	20.10
Barra do Piraí	22.21	22.34
Três Rios	0.24	0.29
Juiz de Fora	2.17	2.27
Santos Dumont	3.30	3.35
Barbacena	4.54	4.57
Cons. Lafaiete	6.51	6.56
Belo Horizonte	11.00	—

TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-4)

— V O L T A —

ESTAÇÕES	CHEGA	PARTE
Belo Horizonte	—	19.50
Cons. Lafaiete	23.53	00.01
Barbacena	1.50	2.01
Santos Dumont	3.05	3.16
Juiz de Fora	4.15	4.26
Três Rios	6.07	6.18
Barra do Piraí	8.03	8.12
D. Pedro II	10.15	—

PREÇOS DAS PASSAGENS

1) — Ramal de São Paulo
TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-3)
De D. Pedro II para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Barra do Piraí	Cr\$ 142,00	Cr\$ 255,00
Cach. Paulista	Cr\$ 224,00	Cr\$ 403,00
Roosevelt	Cr\$ 299,00	Cr\$ 539,00

TREM DE LUXO «SANTA CRUZ» (DP-4)
De Roosevelt para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Cach. Paulista	Cr\$ 224,00	Cr\$ 377,00
Barra do Piraí	Cr\$ 266,00	Cr\$ 479,00
D. Pedro II	Cr\$ 299,00	Cr\$ 539,00

2) — Linha do Centro
TREM DE LUXO «VERA CRUZ» (D-3)
De D. Pedro II para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Barra do Piraí	Cr\$ 142,00	Cr\$ 255,00
Três Rios	Cr\$ 201,00	Cr\$ 361,00
Juiz de Fora	Cr\$ 229,00	Cr\$ 410,00
Santos Dumont	Cr\$ 245,00	Cr\$ 441,00
Barbacena	Cr\$ 263,00	Cr\$ 473,00
Cons. Lafaiete	Cr\$ 289,00	Cr\$ 520,00
Belo Horizonte	Cr\$ 341,00	Cr\$ 614,00

De Belo Horizonte para as Estações abaixo:

ESTAÇÕES	PASSAGENS	
	Simplex	Ida e Volta
Belo Horizonte	Cr\$ 188,00	Cr\$ 337,00
Cons. Lafaiete	Cr\$ 243,00	Cr\$ 400,00
Barbacena	Cr\$ 244,00	Cr\$ 400,00
Santos Dumont	Cr\$ 258,00	Cr\$ 410,00
Juiz de Fora	Cr\$ 283,00	Cr\$ 441,00
Três Rios	Cr\$ 308,00	Cr\$ 473,00
Barra do Piraí	Cr\$ 341,00	Cr\$ 520,00

Para outras informações, os interessados poderão dirigir-se à Agência D. Pedro II, diretamente ou pelos telefones: 43-2000 e 43-3360. Nas seguintes Agências: Roosevelt telefone 9-2939 e Belo Horizonte telefone 2-7950 e 2-7267.

A Administração da Central do Brasil, empenhada no aperfeiçoamento...

... comunica ao público em geral, especialmente no Rio de Janeiro, que acaba de criar trens rápidos diretos, entre Rio de Janeiro e Belo Horizonte, Rio-Juiz de Fora, Belo Horizonte e Barbacena, e que os interessados em conhecer seus inúmeros clientes, que a têm distinguido com a sua honrosa preferência.



SETE mil pessoas pulando e brincando freneticamente, a magnífica decoração de Roberto de Carvalho e o cuidado e o senso de organização de Nelson Batista, transformaram o baile do Municipal no maior acontecimento do carnaval carioca. Não houve uma só briga, uma só reclamação, a menor restrição por mínima que fôsse. O prefeito Negrão de Lima e o diretor de Turismo Nelson Batista, estão de parabéns e isso mesmo foi ratificado pelo público que gostou e aplaudiu demoradamente a festa.

♦ **A DECORAÇÃO** — Roberto de Carvalho foi o encarregado da decoração. E mostrou que é um homem de excepcional capacidade, saindo-se magnificamente da tarefa. Fugiu dos temas batidíssimos de **fundo de mar** e de **firmamento**, e firmou-se numa concepção grandiosa (de execução difícil) mas adequada ao espaço disponível e ao tipo de festa.

Pela primeira vez na história do Municipal um decorador preocupou-se mais em ornamentar uma sala para um baile de carnaval, do que apresentar uma obra de arte, para encher os olhos dos críticos e autoridades. Com a decoração do Municipal, Roberto de Carvalho se colocou entre os maiores decoradores brasileiros, e deixa entrever a que altura ainda poderá ascender na sua carreira.

♦ **O SERVIÇO** — José Fernandes (encarregado do «Buffet») é um «pert» no assunto. Mas alguma coisa não funcionou na sua organização. Os garçons foram diligentes, simpáticos e ativos os «maitres», eficientes os fiscais. Mas a comida não correspondeu. O «strogonoff» acabou cedo e foi (quase sempre), servido frio e com cara pouco convidativa. O picadinho (que substituiu o «strogonoff») também não estava de bom humor e foi pouco apreciado. É uma pena, pois José Fernandes é desses...

MUNICIPAL

ATRAÇÃO MAIOR DO

CARNAVAL CARIOCA

QUASE 7 MIL PESSOAS PRESENTES — EXTRAORDINÁRIA E DE GRANDE EFEITO A DECORAÇÃO DE ROBERTO DE CARVALHO — MUITA ANIMAÇÃO, ORQUESTRA EXCELENTE E NENHUMA BRIGA — AS FANTASIAS PREMIADAS NÃO AGRADARAM AO PÚBLICO — COMO SEMPRE, ÀS 4 HORAS O PÚBLICO AINDA NÃO ESTAVA SATISFEITO E PEDIU UMA PRORROGAÇÃO, CONCEDIDA — O SERVIÇO NÃO FOI DOS MELHORES, E O STROGONOFF SERVIDO ESTAVA FRIO E COM CARA DE POUCOS AMIGOS — MAS PODE-SE DIZER QUE HÁ 10 ANOS NÃO SE VIA FESTA IGUAL — NEGRÃO DE LIMA E NELSON BATISTA APLAUDIDOS E DE PARABÉNS

Reportagem de LUIZ SODRÉ

Fotos ALBERTO FERREIRA E TAPAJÓS

Visão do Municipal. A decoração de Roberto de Carvalho foi um dos motivos do êxito da festa. Bonita, original e feita para uma festa carnavalesca e não para impressionar críticos e autoridades.

O prefeito Negrão de Lima e sua sra., entregando o prêmio (uma rica jóia) à 1ª colocada no concurso de fantasia. O prefeito só se retirou às 4 e meia e foi largamente ovacionado e cumprimentado.



MUNICIPAL



Houve de tudo no Municipal. De «Beduíno» a «Carmem Miranda», até este «Pagode Japonês», carregado com muito aplomb pela cantora Gilda Valença

mens que levam a sério a sua profissão e se esforçam sempre por acertar. O que (infelizmente) não aconteceu no baile do Municipal.

◆ O POLICIAMENTO — Magnífico o comportamento da polícia. Sem ostentação, mas com eficiência, tratou de liquidar as ligeiras desavenças surgidas, que poderiam se aprofundar e estragar a festa. Merece parabéns. E com o mesmo espírito que criticamos e condenamos a sua ação atrabiliária e insolente em outros bailes, aplaudimos a discrição e a

categoria com que agiu no baile do Municipal. O prefeito Negrão de Lima está na obrigação de consignar um elogio público aos policiais que trabalharam na grande festa da segunda-feira gorda.

◆ A FREQUÊNCIA — «Todo mundo» compareceu. Os que estavam em Petrópolis, Guarujá ou mesmo em Cabo Frio desceram apressadamente para o maior baile do carnaval carioca. O embaixador Briggs dos E.E.U.U. compareceu de bengala e ficou entusiasmado. Foi o primeiro carnaval



Empregadinhas, arrumadeiras, cisnes, zebras, vestido de baile, chineses, «summer», «smocking» e as fantasias mais diversas apareceram no Municipal.

ença
o de
s que
m em
mente
E.U.
naval

municipal.

1.º LUGAR

Mrs. Janet, com Passaro Caprina. Fantasia original, cara e muito trabalhosa, mas com maior beleza. Fatoe esplendida.



2.º LUGAR

Madalena Santos, com Luzes da Ribalta. Fantasia bonita, recebida com
palmas talvez pela beleza e simpatia da senhora.



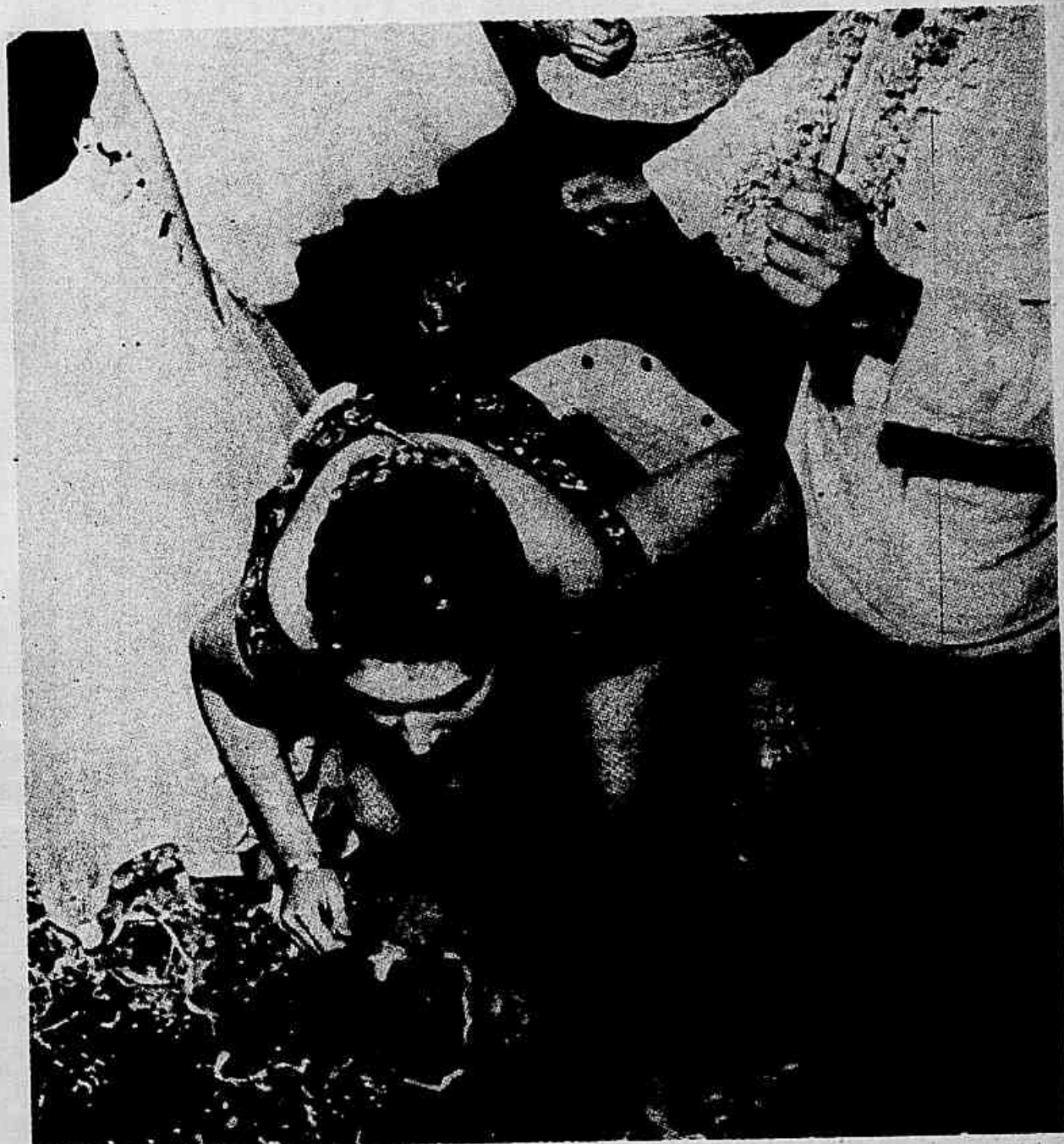
Zélia Hoffman, vencedora do ano passado, com Candelabro Imperial.
Deveria ter bisado o feito de 1956. Muito bonita.

3.º LUGAR



4.º LUGAR

Frances Marinho, com Pérola. Fantasia bem bolada, de muito efeito. Foi talvez a mais cara de tôdas e muito aplaudida.



Fantasia sumária, «construída» provavelmente em 15 minutos. Sua dona fez sucesso. Na foto, à direita, uma atitude meio estranha de uma tirolesa.

a que assistiu no Brasil. Nos camarotes, nas frisas, nas mesas e pelo imenso salão, as celebridades se confundiam, se esbarravam, se entregavam à única coisa que interessava no momento: farrear, gozar o carnaval em toda sua amplitude e mistério. Mistério que não pretendemos explicar, por ser tarefa acima de nossas forças.

◆ AS FANTASIAS — Nunca se apresentaram tantas candidatas disputando os prêmios para as fantasias. Algumas bonitas, quase todas revelando imaginação, e todas (sem exceção) luxuosas e de preço altíssimo. A vencedora, madame Janrot, gastou 250 mil cruzeiros e vários meses de trabalho com o seu **Pássaro Cacatua**; a sra. Madalena Santos, gastou também mais de 200 mil cruzeiros e tirou o segundo lugar com **Luzes da**

Ribalta, realmente muito bonita; a sra. Zélia Hoffman, vencedora do ano passado, foi a 3ª colocada com a fantasia bonita da noite, intitulada **Candelabro Imperial**. Poderia ter sido a vencedora; o 4º lugar pertenceu à sra. Frances Marinho com **Pérola**, também muito bonita e original; o 5º lugar foi concedido a sra. Mary Saad Beps com **Sereia do Mediterrâneo**. A sra. Mary que merecia realmente uma colocação melhor não se conformou e não quis o prêmio. Essas foram as 5 primeiras colocadas. Pela primeira vez foi dado um prêmio para conjunto, levantado pelo grupo de **Guerreiros Astecas** que já vinham se destacando em todos os bailes de pré-carnaval. A renda do Municipal (recorde), foi de 5 mil e trezentos contos.



Eloína, rainha das atrizes compareceu a todos os bailes e brilhou no Municipal.



Escrava rica é o nome desta fantasia. O nome dela não foi possível descobrir.



Núcia Miranda compareceu de «Favorita do Sultão». Houve muito Sultão com água na boca.



As mulheres bonitas compareceram em massa ao Municipal. Brincaram à vontade, pularam, gozaram o máximo o carnaval. Depois, às 5, foram para casa e esqueceram tudo.



Não houve uma briga sequer. Brincou-se em todos os lugares, em cima e em baixo das mesas, como esta linda odalisca estilizada.

MUNICIPAL



Transe carnavalesco, poderia ser a legenda desta foto. E a da direita, seria sofisticação. Uma mulher bonita, uma piteira de metro e meio e muita vontade de se exhibir.



Houve «confraternização» geral no Municipal, como em todos os outros bailes carnavalescos. Só que no Municipal houve mais classe.



NO BAILE DE GALA DO COPACABANA

3.000 PESSOAS, MUITA FANTASIA MAS POUQUÍSSIMA ANIMAÇÃO

CINCO SALÕES LOTADOS DE GENTE DESANIMADA. QUE COMPARECEU AUTOMATICAMENTE E BRINCOU SEM MAIOR VIBRAÇÃO ★ NINGUÉM SABIA AS MÚSICAS E AS ORQUESTRAS FIZERAM UMA FÔRÇA TERRÍVEL ★ À 1 HORA: MUITA

GENTE ENTRANDO. ÀS 2 HORAS: MUITA GENTE SAINDO ★ AS CELEBRIDADES DO "SOCIETY" CARIOCA NÃO COMPARECERAM ★ A POLÍCIA DO EXÉRCITO TRANSFORMOU A ENTRADA DO COPACABANA NUMA PRAÇA DE GUERRA

Reportagem de ELMO LINS

T RÊS mil pessoas que consumiram em 5 horas 600 garrafas de uísque, 1.300 garrafas de água mineral, 2.200 pães e duas mil refeições, compareceram ao baile de gala do Copacabana, o mais famoso do primeiro dia de Carnaval. Já na véspera a direção do famoso Hotel procurava desesperadamente se esconder, pois os pedidos de mesas e de ingressos choviam de todos os lados, precedidos (às vezes) dos pistolões mais respeitáveis e surpreendentes. E como atendê-los, se a

capacidade dos 5 salões (Golden Room, Meia Noite, A., B. e Hall) já estava mais do que superada?

Mas a animação do Baile do Copacabana não veio, ou custou muito a chegar. Apesar de tanta gente presente, havia pouco movimento verdadeiramente carnavalesco. Muitas fantasias (algumas bonitas), mas uma quantidade enorme de mulheres feias, gordas e de pernas de fora

A

0

DO
M-
U A
RA

DS

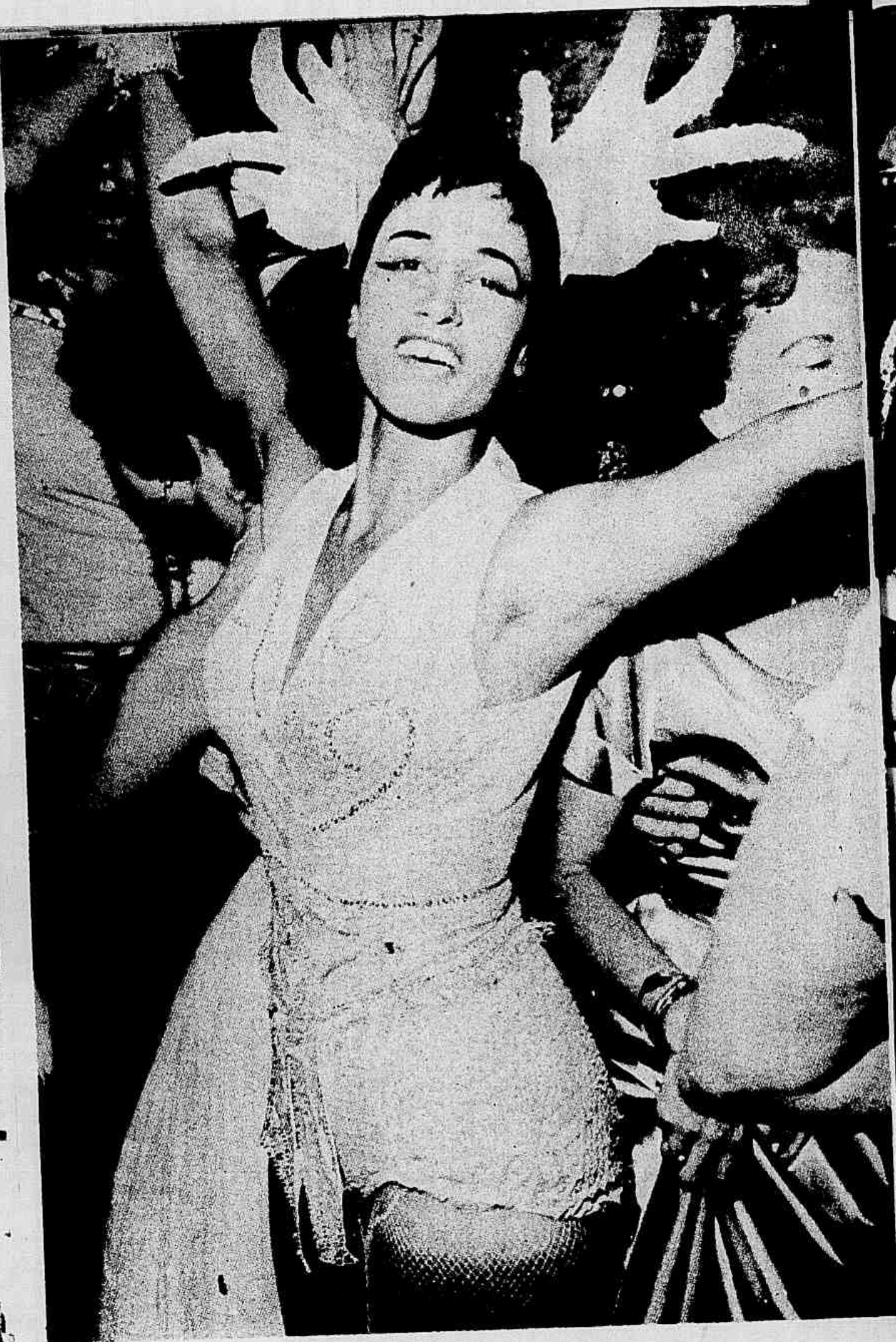
1) já

muito
ver-
mas
e fora

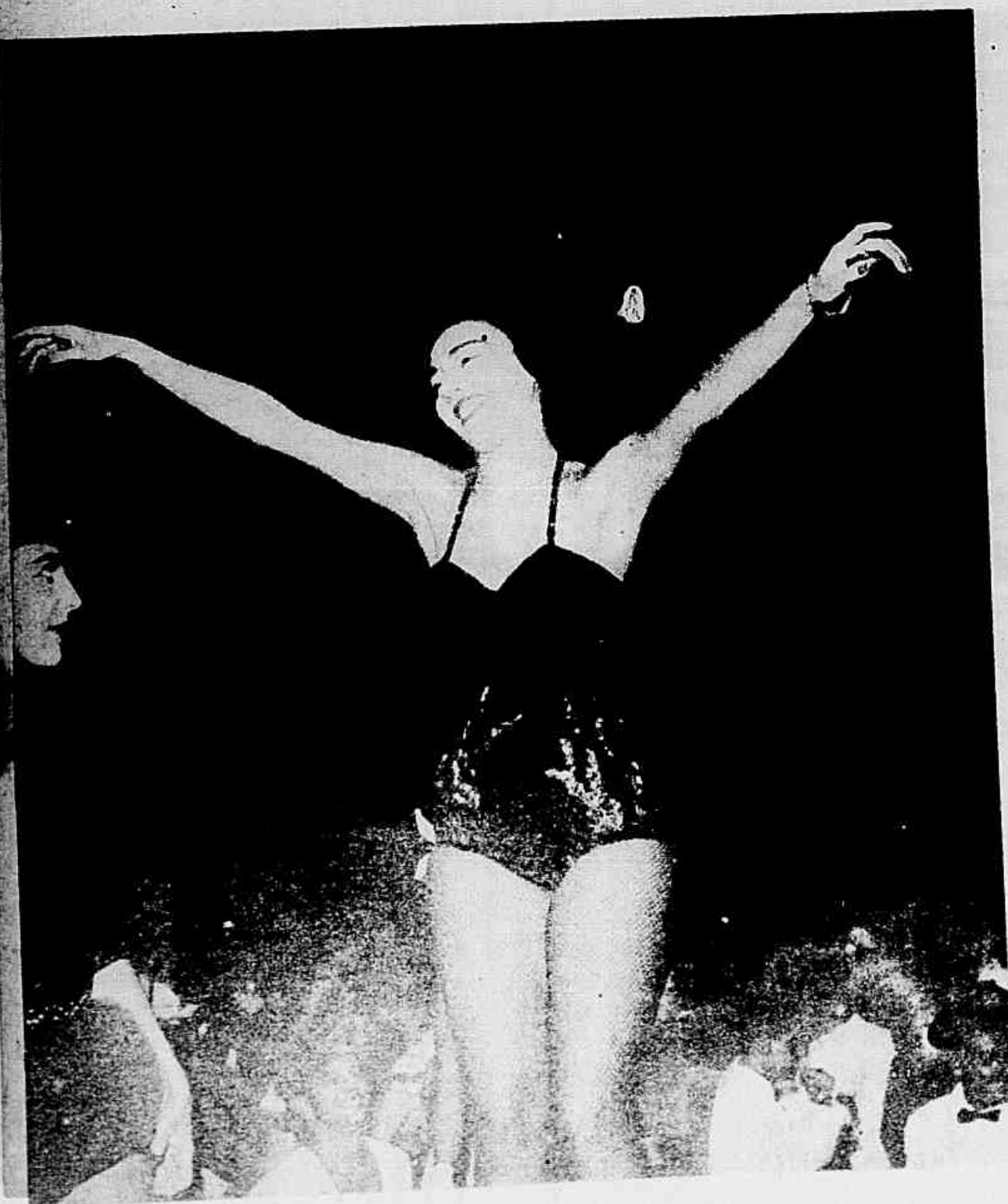


Gilda Leraud foi a presença mais constante de carnaval carioca. Estêve em quase todos os bailes pre-carnavalescos. E no carnaval propriamente dito fez o roteiro Copacabana, Quinta, Municipal e Yacht. Arranjou pelo menos mais uns 50 fãs para a sua já grande coleção.

COPACABANA



OS BAILES (COM MUITA MULHER BONITA)





)

SALVARAM O CARNAVAL CARIOCA





Estas duas fotos evidentemente dispensam legenda. Estão completamente entregues a si mesmo e nem perceberam o estouro do flash. Isso é carnaval.

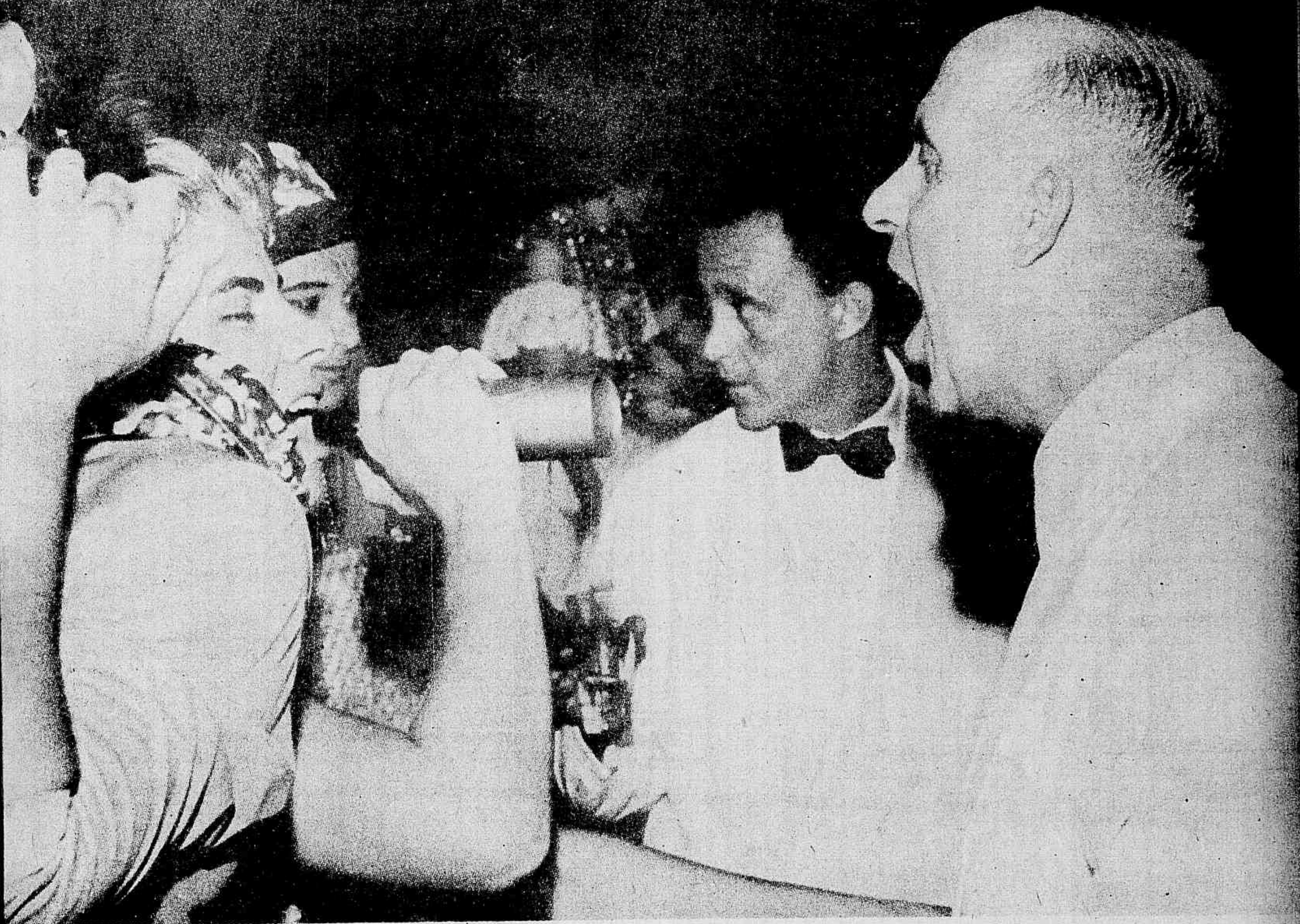
Em baixo à esquerda, Rose Rondelli. Estêve em todos os bailes mais vedetado que nunca. À direita, o brôto Norma Primo exhibe sua beleza.



Est

Es

al.
za.



Esta senhora resolveu modificar a forma clássica da «prise». Prescindiu do lenço e toma lança-perfume na fonte mesmo, sem intermediários.



Este senhor da foto de baixo resolveu seguir o estabelecido e cheira lança-perfume no lenço. A jovem da direita não quer mais saber de carnaval.

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN

INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXO INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL Nº 1.202

"Mil" lhe oferece:



Ferramentas
OFICINAS
AMADORES
ESTOJOS SOquetes
CATRACAS ESTRIAS

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



COPACABANA

(Continuação)

e que deveriam pelo menos ter tentado um regime de emagrecimento antes de mostrar ao público corpos tão feios e com tanta carne em excesso.

As 11 horas a porta do Copacabana já estava intransitável. De um lado os inevitáveis curiosos, os mesmos de sempre. De outro, a Polícia do Exército em número extraordinário, que acabou por transformar o local numa praça de guerra. Fardados, de metralhadora e capacete, dando mais a impressão de um contingente de partida para Suez, do que simples e simpáticos rapazes destinados a policiar a entrada de um baile de carnaval.

A festa do Copacabana não fugiu à regra deste ano e foi apenas o que as festas pré-carnavalescas deixavam entrever. Muita gente desanimada. Anônimos e desconhecidos quase todos, pois as celebridades do «society» carioca fugiram para Petrópolis, Guarujá, Punta Del Leste e outros recantos de veraneio. As músicas também contribuíram (e muito) para a desanimação deste ano. Músicas sem ritmo carnavalesco, letras péssimas (parecendo todas elas de autoria de David Nasser), mal inspiradas e mal feitas. Nem os mais renitentes foliões conseguiram aprender alguma coisa, e como última esperança recorreu-se aos sucessos de carnavais passados (manê eu quero, Eva, teu cabelo não nega, por que bebes tanto assim, linda morena e outras) que foram exaustivamente tocadas e cantadas.

O salão mais animado era o Golden. 130 mesas. Muita gente em cima delas. Número regular de fantasias. Um grupo de guerreiros realmente espetacular. Pouca gente conhecida. Vadinho Dolabela, a rigor, Carlinhos Niemeyer, de grego estilizado, Roberto Liberal, a rigor (e com um brôto belíssimo), Gilda Leraud, de escrava, (naturalmente manifestação subconsciente), Denize Leraud, de baiana, Nelsinho Batista, a rigor (e recusando ainda convites e mesas para o baile do Municipal), Terezinha Austregésilo, de domadora (mas sem função na ocasião), José Mauro Gonçalves, chegando apressado ao baile (como sempre com Jair Negrão de Lima a tiracolo). E mais ninguém.

No Meia Noite, único salão refrigerado, o carnaval estava quase aristocrático e a animação tinha punhos de renda e reverências em quantidade. Parecia até que a Rainha Elizabeth estava presente. Todos sentados e bem comportados. E quando uma moça (muito bonita) subiu a uma das mesas e ensaiou um grito de carnaval, uma das senhoras presentes desmaiou e muitas outras pediram «os sais». Foi esse o carnaval do Meia Noite.

Nos salões A, B. e Hall estavam os alcóolicos anônimos. Gente desconhecida, bebendo bebidas desconhecidas, cantando músicas desconhecidas e pagando com dinheiro desconhecido.

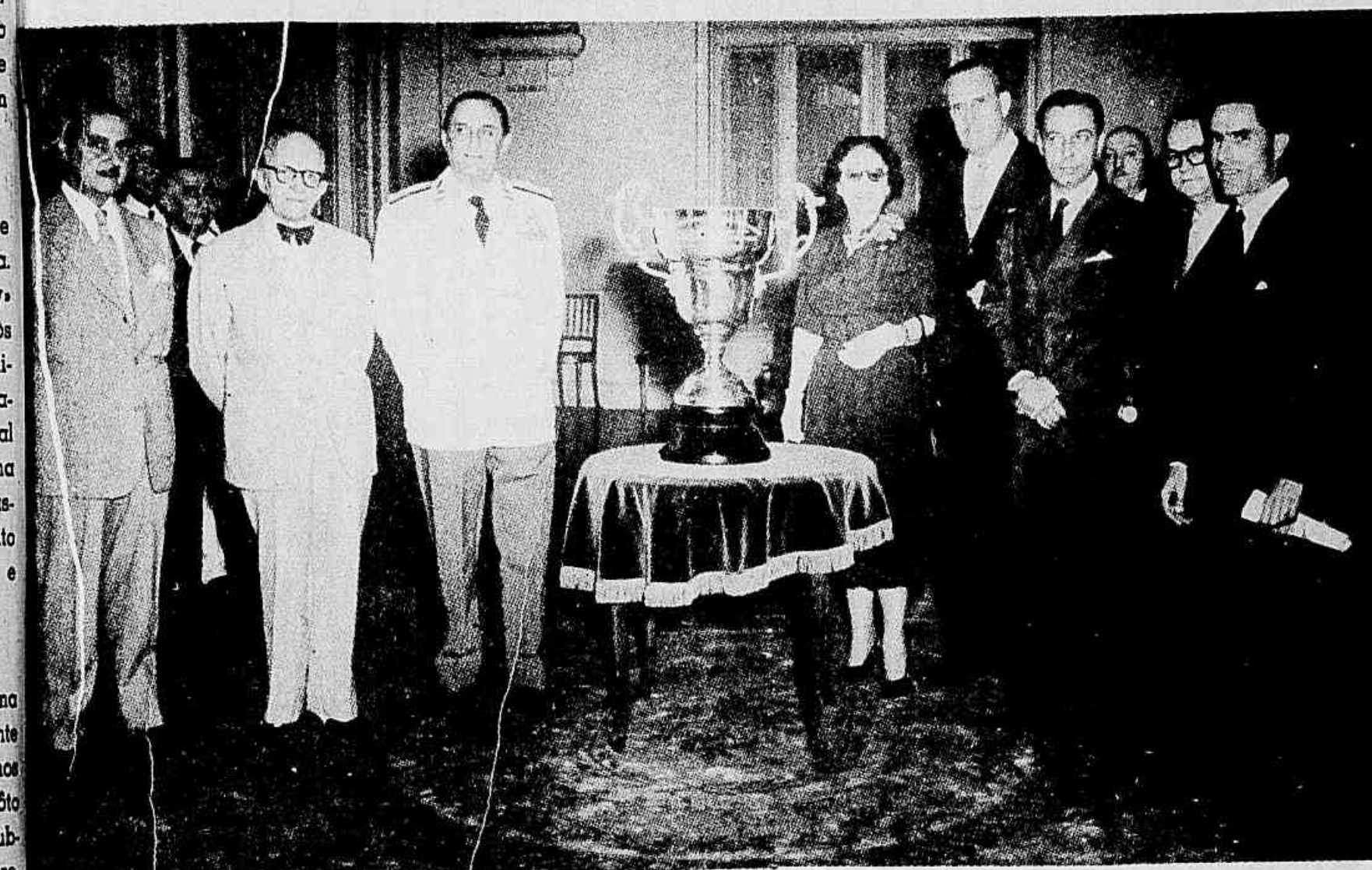
As 2 horas já havia gente saindo. Mais triste do que entrara. E mais cansada.

E no Quitandinha, Ilde Garavaglia, Eloisa Dolabela e Rosinha Serzedelo Machado (as líderes), com Vera Dolabela e Gilka Machado, sentadas tranquilamente, tomavam café pequeno. Como é que o Copacabana podia estar animado?

ABERTURA DA TEMPORADA OFICIAL DE 1957



O ministro Mário Meneghetti agradecendo a homenagem que lhe prestava o Jockey Club, vendo-se em torno do titular da Agricultura os srs. Álvaro Carijó, diretor, e Mário de Azevedo Ribeiro, presidente da sociedade turfista e o grande «turfman» A.J. Peixoto de Castro Jr.



O general Eduardo Pontes, diretor do Serviço de Remonta do Exército, em companhia dos Drs. Mário de Azevedo Ribeiro e Francisco Eduardo de Paula Machado, presidente e 1º vice-presidente do Jockey Club, titulares do Stud Guendon e outras pessoas gradas. Ao centro, a bela taça do Serviço de Remonta do Exército.

◆ Com grande brilhantismo, e sob o entusiasmo da enorme massa de freqüentadores de turf, teve início a temporada oficial de 1957 do Jockey Club Brasileiro. Atraentes e bem movimentados programas foram cumpridos nos dias 23 e 24 de fevereiro último no belo Hipódromo da Gávea. O primeiro clássico do ano, o Grande Prêmio Ministério da Agricultura, em que se apreciou um lote de promissores potros nacionais de dois anos, deu ensejo a uma justa homenagem anualmente prestada pela nossa sociedade turfista àquele alto departamento da administração nacional, que, como é sabido, superintende as atividades do turf metropolitano. No artístico Salão das Rosas do Hipódromo Brasileiro, a diretoria do Jockey Club ofereceu um almoço ao titular daquela pasta. A mesa, lindamente ornamentada, sentaram-se em torno dos diretores e membros das comissões e conselhos técnicos da anfitriã, o dr. Mário Meneghetti, ministro da Agricultura, e a maioria dos diretores do importante órgão governamental, o casal dr. Peixoto de Castro e outras pessoas gradas. Ao «champagne», o dr. Mário de Azevedo Ribeiro saudou o ministro Mário Meneghetti em nome da sociedade que dirige, tendo o homenageado agradecido em brilhante improviso. Ao final das corridas, o dr. Mário Meneghetti fez entrega dos troféus conquistados pelos vitoriosos das estatísticas de 1956.

No domingo, 24, foi corrido o Grande Prêmio Remonta do Exército, segunda prova clássica do ano. Após o páreo, a diretoria do Jockey Club ofereceu no Salão das Rosas, uma taça de «champagne» ao general Eduardo Pontes, diretor interino da Remonta do Exército, tendo falado na ocasião o dr. Mário de Azevedo Ribeiro e aquela alta patente militar, que ainda fez entrega de uma rica taça de prata ao Stud Guendon, proprietário do vencedor do Grande Prêmio Remonta do Exército. — A.M.



O dr. Mário de Azevedo Ribeiro pronunciando a saudação do Jockey Club ao ministro da Agricultura, que se vê ao seu lado.



A mesa do almoço, a sra. Zélia Gonzaga Peixoto de Castro, que recebeu a taça de campeã das estatísticas de 1956, como proprietária. A ilustre dama está entre os senhores Francisco Eduardo de Paula Machado e Carlos Portinho.

OS RANCHOS (NA AVENIDA) DOMINARAM A SEGUNDA-FEIRA



Maria Emília, belíssima porta-estandarte do «Unidos do Cunha», foi a maior sensação do desfile.

DESLUMBRAMENTO, LUXO E Suntuosidade ★ UMA MULTIDÃO ASSISTINDO AO
DESFILE ★ O PREFEITO COMPARECEU E PRESTIGIOU A FESTA DOS RANCHOS
★ UNIÃO DOS CAÇADORES, O MAIS APLAUDIDO E PROVÁVEL VENCEDOR
★ UNIDOS DO CUNHA TAMBÉM MUITO OVACIONADO ★ 8 HORAS DUROU O DESFILE

Reportagem de SÉRGIO ROBERTO

Fotos de VITO VASCONCELOS

Porta-estandarte e baliza do «Aliança de Quintino», muito aplaudido.



OS RANCHOS (NA AVENIDA)



Pela primeira vez desfilando na Avenida Rio Branco, os ranchos entusiasmaram. Aqui vemos cinco aspectos desse desfile que começou às 8 horas da noite e terminou às 5 da manhã.

MAGNIFICO o desfile dos ranchos. Ganharam com a descentralização imposta pelo Departamento de Turismo, pois tiveram mais espaço para desfilar e mais público para aplaudilos. As 20 horas precisamente foi iniciado, com a apresentação de Benita Barbosa Lima, a bela rainha dos ranchos.

O primeiro a passar: **Aliados de Quintino**, com enredo referente aos grandes vultos do Brasil. Muito aplaudido, principalmente a sua porta-estandarte, pelas evoluções executadas diante da comissão julgadora. Passou depois, **Inolentes de Catumbi**, tendo como motivo sinfonia do samba. Depois: **Unidos do Cunha** (um dos mais fortes concorrentes) com exaltação ao teatro brasileiro; **Unidos do Morro do Pinto** com expoentes da música brasileira; **Rancho Rosedá** com desenvolvimento do Brasil; **União dos Caçadores** (provável vencedor e rancho mais ovacionado) tinha como motivo sonho de artista. Só às 4 horas da manhã é que o desfile foi terminar.

Traço comum a todos os ranchos: luxo, suntuosidade, riqueza e imaginação. Os motivos variados foram aproveitados no desenvolvimento dos enredos. Mas todos exaltando as coisas do Brasil.

O Prefeito compareceu, e durante horas assistiu ao desfile.

Apesar dos insistentes (e irritantes) avisos de que choveria na segunda-feira, uma multidão assistiu ao desfile dos ranchos. Acabou não chovendo e todos ganharam um belo espetáculo.







Dois conversadores fabulosos (Antônio Maria e Fernando Ferreira), duas jovens lindas e atraentes (Eloíza e Vera Dolabela). Antônio Maria diz para Fernando Ferreira: «É um prazer cumprimentar um homem inteligente.» Fernando Ferreira responde: «O prazer é meu.» Vera e Eloíza como sempre em primeiro plano, apesar de na foto aparecerem mais atrás.

GRAND MONDE

Escreve JEFF THOMAS

UM COQUETEL PARA O "BOM MARIA"

◆ Foi no Hotel Glória, o coquetel em homenagem a Antônio Maria, o cronista mais «suspense» da «soirée-snob», como foi devidamente batizado por mim. O Bar 27 (em estilo britânico, sóbrio e elegante), ficou lotado com o que de melhor existe no «high-society» carioca. Os convidados foram chegando aí pelas 20 horas, um a um, depois em grupo, e finalmente, o homenageado com a sua imensa simpatia. Muito elegante na



O cronista mais «suspense» da «soirée-snob», Antônio Maria (o homenageado), entre os senhores João Saavedra e João Miranda Jordão.



No Bar 27 do Hotel Glória, a senhorita Raquel dos Santos Jacinto, conversa com os senhores Eduardo Tapajós e João Neder.



O colunista com as jovens (lindas) Lía Pena e Gilda dos Santos Jacinto.



Fernando Augusto e Soninha Gadelha, observam o movimento do «party».

sua roupa escura, o «bom Maria» logo dominou o ambiente. Sua simpatia, sua versatilidade e seu «savoir faire» são realmente notáveis. As moças, ouviam encantadas a palavra desse fabuloso contador de histórias. De tal maneira, que a gente não sabe, em dado momento, se Antônio Maria é melhor lido ou ouvido. Entre os presentes: João Saavedra, elegantíssimo de terno gabardine e agora usando novamente o seu bigode «suspense»; Fernando Ferreira, um dos homens mais inteligentes do «society», contando coisas sobre seu «business» e a viagem que fez à Pernambuco; o notável conversador que é o sr. João Miranda Jordão; Lígia Coutinho sòzinha, o que terá havido?; o bem lançado sr. Jorge Mediondo; a embaixatriz permanente do jovem «society», Ilde Garavaglia, conversando muito com o jovem paulista José Henrique Turner; a grega Clio Politis, desta vez sem sua inteligente e ascensional irmã Pomona; Gilca Serzedelo Machado muito bonita e respondendo mais de 50 vezes a mesma pergunta: «Rosinha não veio?»; o cronista Fernando Augusto com Soninha Gadelha, cada dia mais parecida com Leslie Caron; o sr. Alberto Pitigliani com seu inseparável cronista particular, João Resende; Suzana Pôrto estreando ao mesmo tempo nova cor nos cabelos e nova tristeza no olhar; Raquel dos Santos Jacinto, bonita e elegante, programando uma festa com o sr. Eduardo Tapajós; a linda Eloíza Dolabela com um vestido audacioso, provocando suspiros e olhares cobiçosos quando o telefone chamava (duas vezes); Gildinha dos Santos Jacinto, com um penteado muito Sabrina; Celmar Padilha e sua cada dia mais bonita e cada dia mais noiva, Lía Pena; Fernando Pessoa de Queiroz, sòzinho, mas como sempre, falando no seu idolatrado e inseparável amigo André Jordan; o simpático e atlético sr. Moroni, sem a bonita Andréa, infelizmente distante; Vera Dolabela bonita e elegante, matando saudades do seu amor com recordações da Itália e de Versalhes; o senador Sá Tinoco conversando política com o bem informado (e agora injustiçado) sr. João Neder; e a senhorita Gilda Jopert que chegou quase no fim da noite sòzinha, mas sem poder se desvencilhar de suas visíveis saudades. Foi uma festa muito «suspense». Depois, o «bom Maria» levou um grupo para jantar no Sacha's. Mas isso já é outra história.



Ilde Garavaglia, a embaixatriz do jovem «high-society», conversa com o senhor João Saavedra.



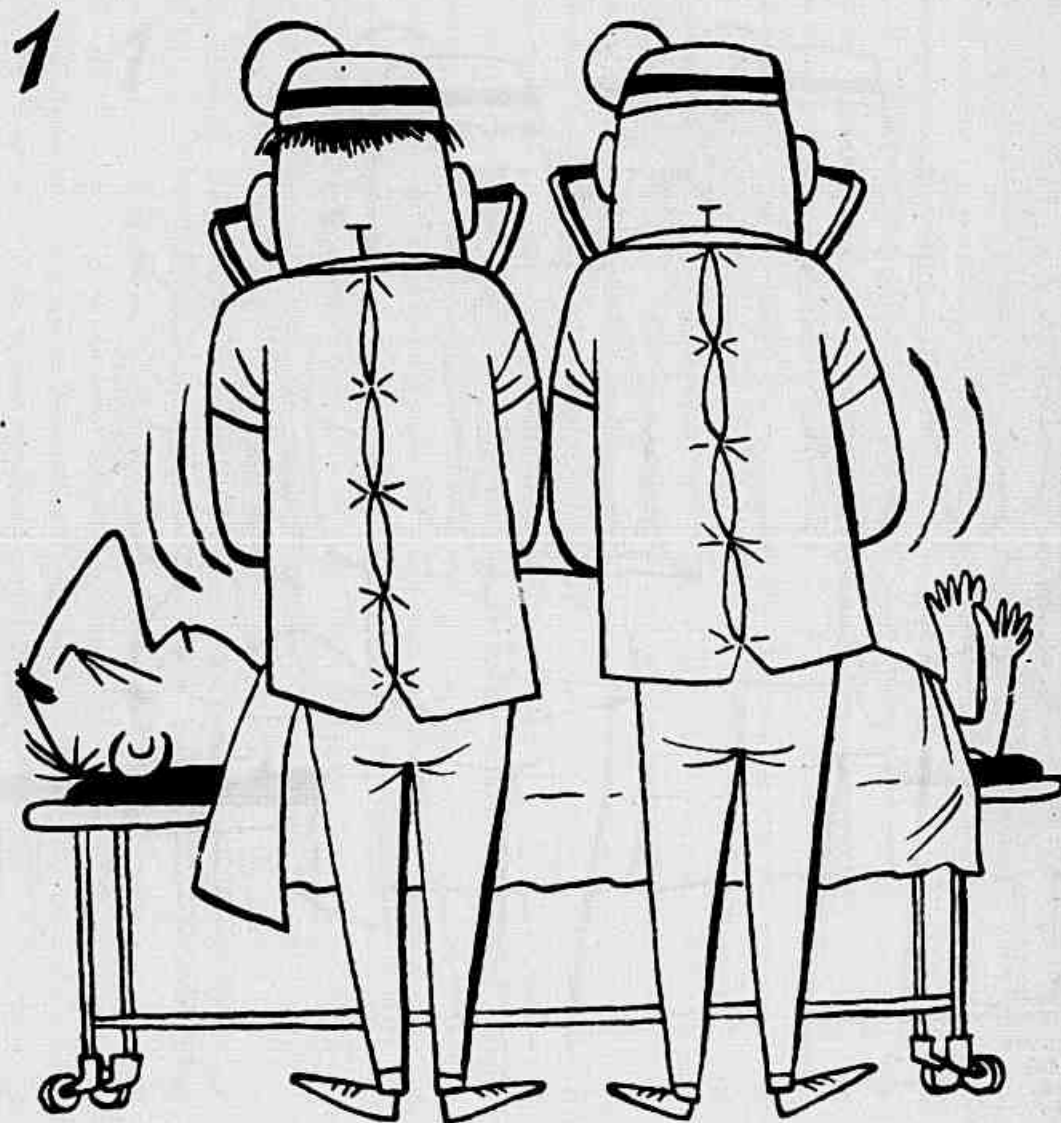
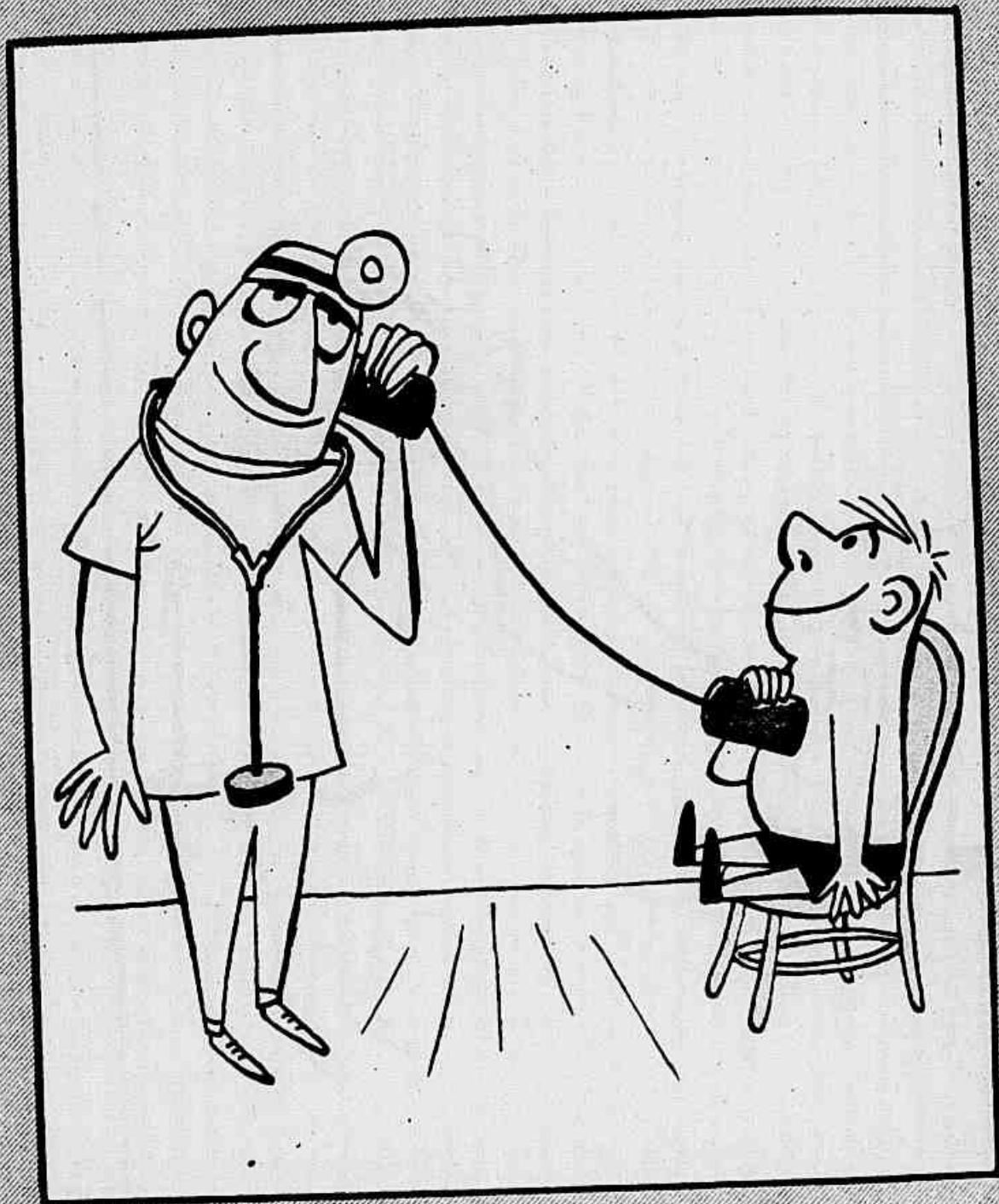
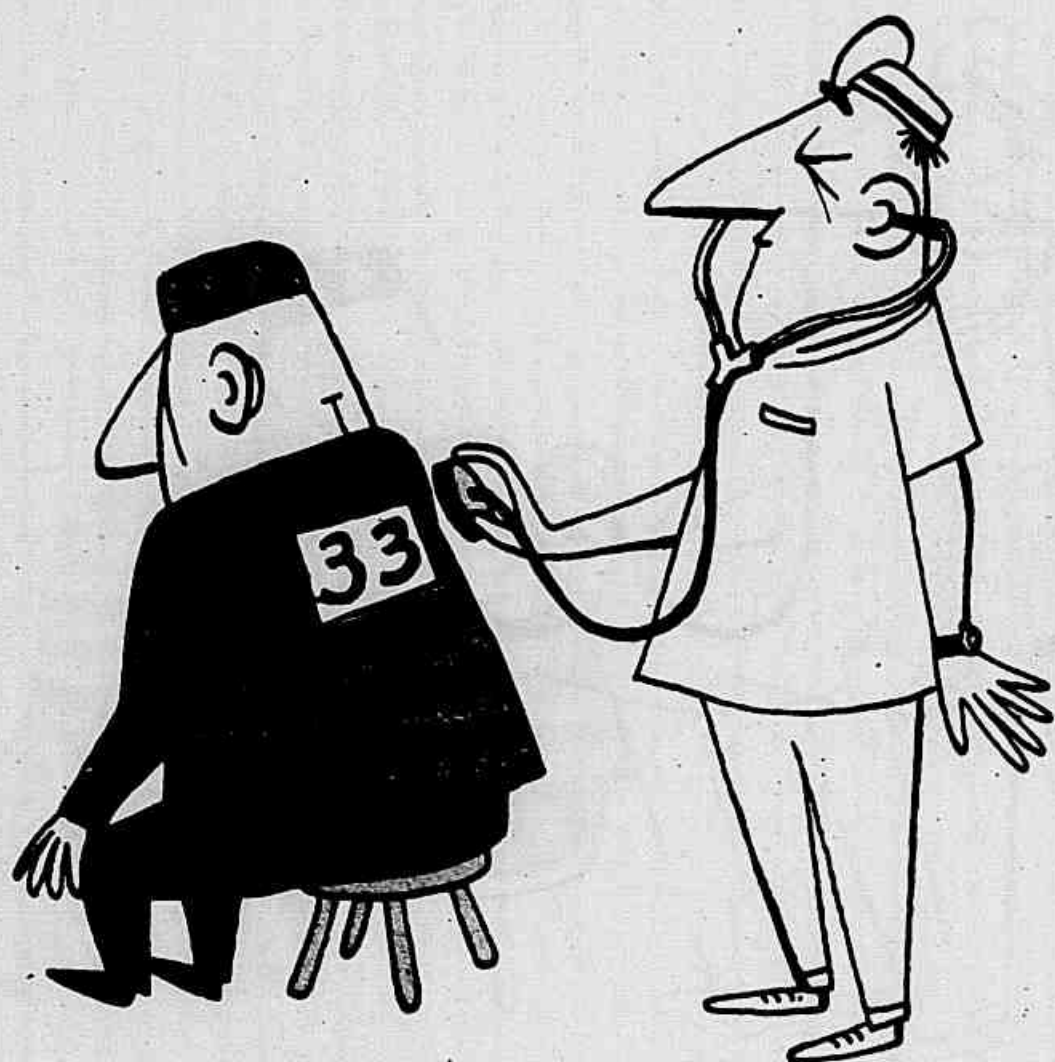
Nesta foto o senhor Fernando Pessoa de queiroz (de costas), com Suzana Pôrto e Clio Politis.

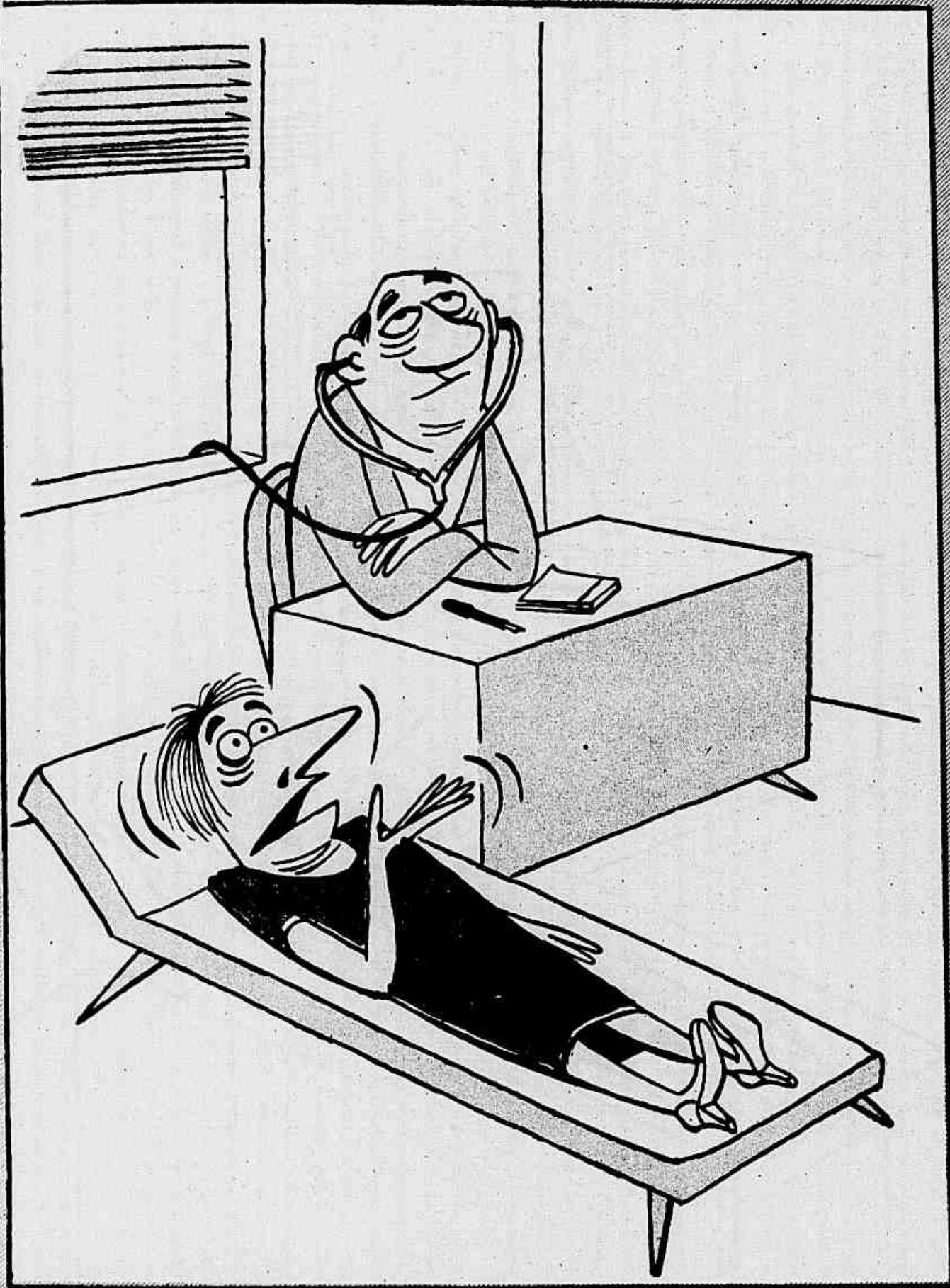


O senador Sá Tinoco (ao centro), e o sr. Gilberto Faria, ouvem o «bom Maria» falar da «soirée-snob».

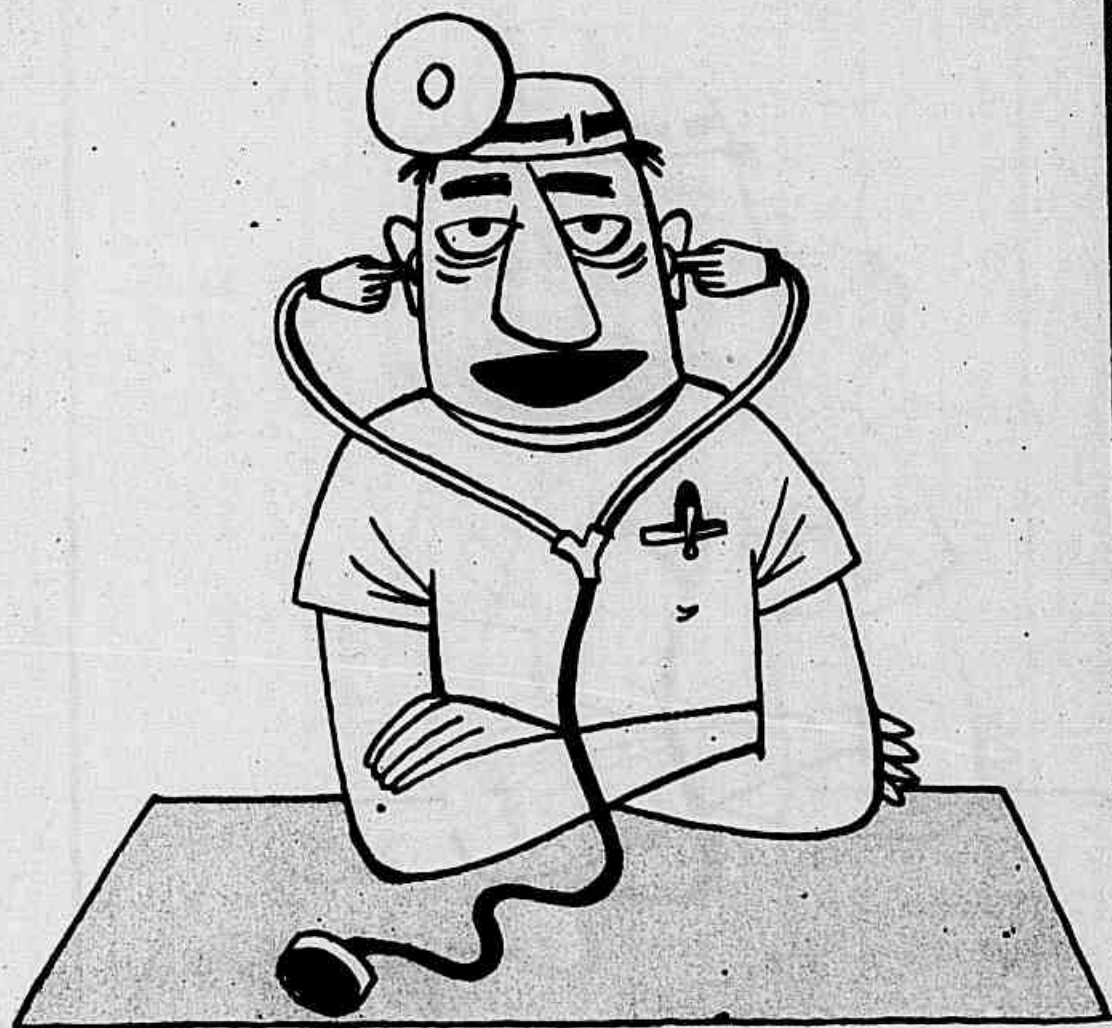
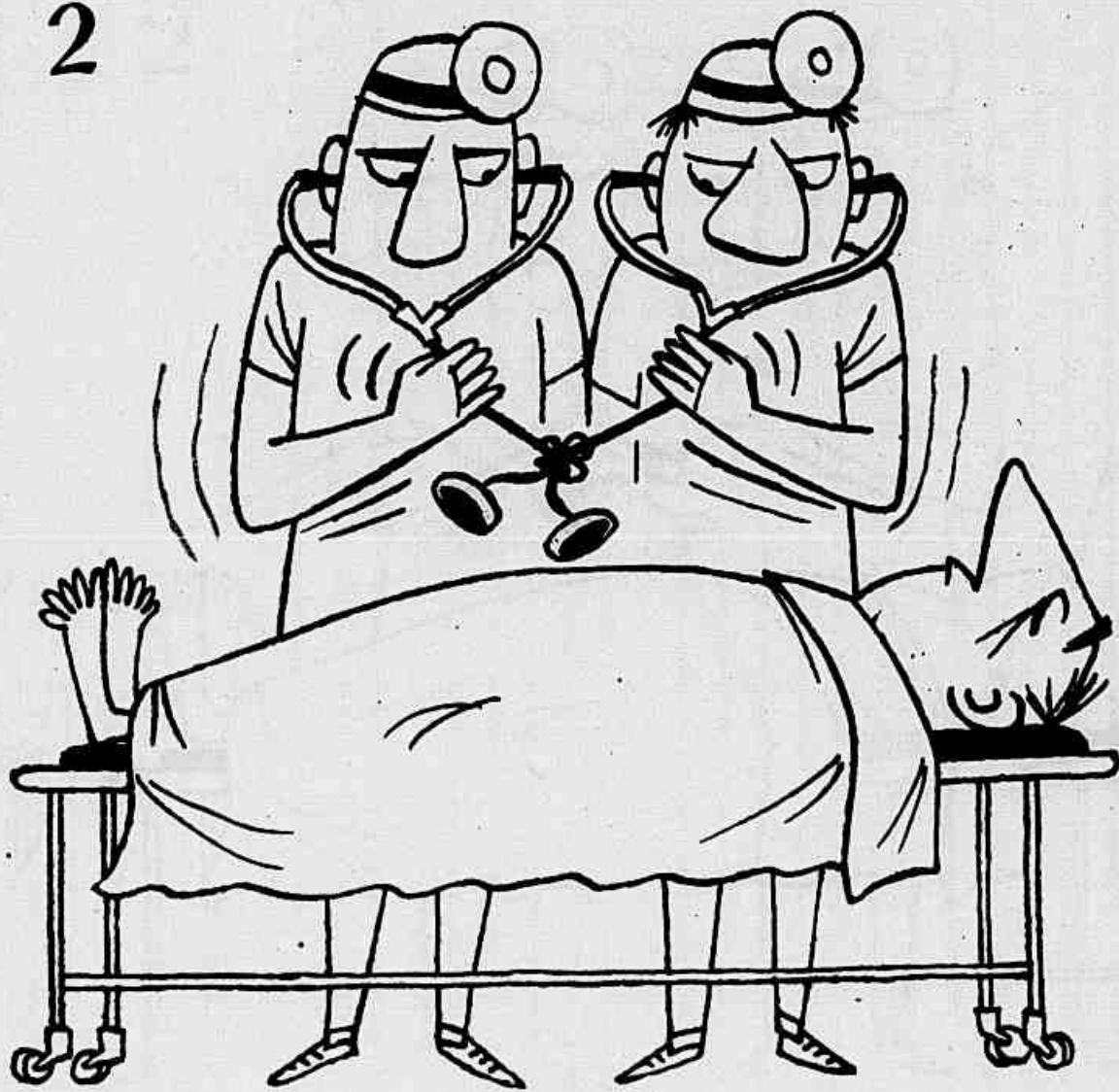
FORTUNA (do lado de lá) **APRESENTA**

Ao Estetoscópio





2



— Desculpe, hoje não atendo mais ninguém.

CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA

GINÁSTICA FACIAL

Talvez você estranhe a expressão, mas ginástica facial existe, e é uma das formas de tornar o rosto mais bonito e mais expressivo.

◆ PARA OS MÚSCULOS DA FACE

Os músculos das maçãs do rosto não têm movimentos voluntários, e por isso não podem fazer exercícios por si mesmos. Para que se contraiam e se destendam, é preciso que o sangue venha à superfície das faces. Isso se consegue assim: inspire profunda e vigorosamente. A seguir, expire com força, ao mesmo tempo pelo nariz e pela boca, porém sem soprar. Depois, encha a boca de ar e virando a cabeça devagar da direita para a esquerda continue com a boca cheia de ar, soprando só com os lábios. Uma ótima variante desse exercício é soprar chicletes de bola.

◆ PARA OS LÁBIOS

O músculo que contorna os lábios assemelha-se a um elástico e como um elástico pode estar tenso ou flácido. A fim de conservá-lo sempre na melhor forma, faça essa ginástica quantas vezes puder: procure virar os lábios ao contrário, para fora. Depois volte ao natural.

◆ PARA O QUEIXO E O PESCOÇO

Em pé ou sentada, com as mãos cruzadas às costas, e os ombros bem retos, levante o queixo o mais para cima possível, até sentir a pele bem esticada e a cabeça o mais para trás possível. Lentamente, vire a cabeça para a direita e para a esquerda.

Uma outra ginástica? Sente-se numa cadeira, e levante o queixo, como para o exercício anterior. Olhando sempre para cima e mantendo o queixo levantado, faça movimentos com a boca, como se estivesse comendo bala puxa-puxa. Vire para a direita e continue a mastigar. Repita, também, do lado esquerdo. Descanse, contando até cinco, e recomece.

◆ MUITO IMPORTANTE PARA A PELE — e para todo seu corpo — é uma boa dieta alimentar. Quem bebe



muito álcool e come o que não deve (comidas fortes, picantes e muito gordurosas) faz com que o sangue fique cheio de toxinas, que são levadas pelos capilares a toda a pele. Também o mesmo acontece com a fadiga e os aborrecimentos e com o mau funcionamento de certas glândulas que criam substâncias tóxicas, despejadas logo na corrente sanguínea.

Existem, ainda, os inimigos externos de um rosto (e pele) bonitos que são os raios muito fortes do sol de verão, o vento, e o frio excessivos. Se você tomar cuidado com tudo isso, e, também, procurar dar à sua pele o tratamento que requer (de acordo com sua qualidade seca, normal ou oleosa) estará no caminho certo.

NOTINHAS ÚTEIS

SE AS PÂNELAS de vidro estão encardidas... — As panelas, formas e assadeiras de vidro ou de louça refratária, que vão ao forno, às vezes ficam manchadas de amarelo ou escurecidas. Para que fiquem limpas e claras, deixe-as de molho em um pouco d'água morna, com bicarbonato de sódio, na proporção de 6 colheres das de chá de bicarbonato, para cada litro d'água. Para uso na cozinha, adquira o bicarbonato de sódio bruto, em pacotes, de um quilo, nas drogarias, que é mais econômico.

PARA LIMPAR panelas com restos de comida. — Às vezes a comida se queima no fundo da panela de tal forma que é difícil retirá-la. O método de raspar a comida não é recomendável, pois poderá arranhar a panela, quer seja de alumínio, de aço ou de cobre. O melhor, mesmo, é ferver dentro da panela, por algum tempo, um pouco d'água com cinza.

NÃO LIMPE O FOGÃO enquanto estiver quente. — Os modernos fogões a gás ou elétricos, com a superfície esmaltada, nunca deveriam ser limpos antes da chapa e o forno estarem frios. Quando não se tem paciência de esperar, e limpa-se logo a chapa, ainda quente, está a mesma sujeita a rachar e descascar, o mesmo acontecendo com os fornos. Um pouco d'água misturada com bicarbonato de sódio, e passada com um pano macio é o melhor que existe para retirar completamente a gordura e deixar o esmaltado brilhante.

◆ **OS OBJETOS DE TARTARUGA** — não ficam baços nem rachados, se de tempos em tempos forem untados com um pouco de azeite de oliveira.

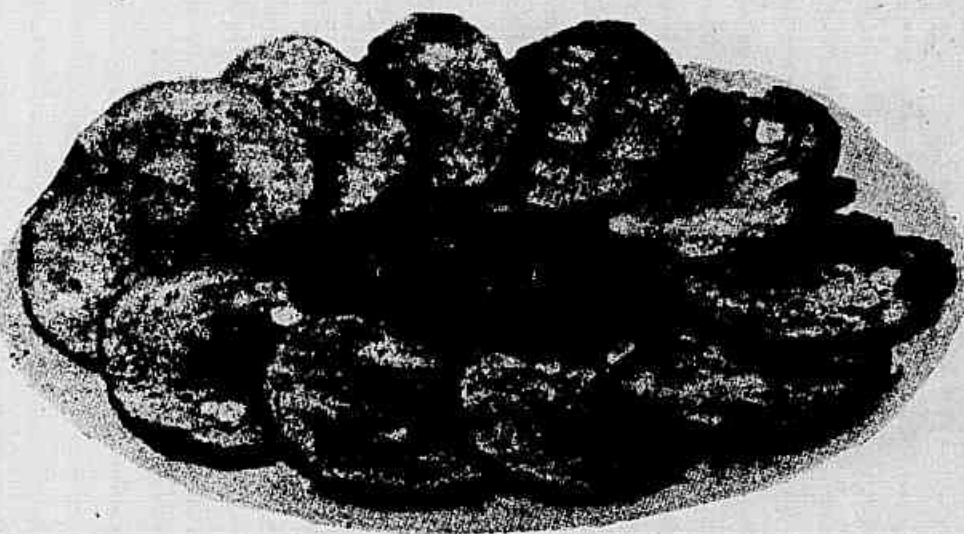
◆ **AS BOLSAS E VALISES DE COURO** — devem ser limpas com benzina ou terebentina e enceradas com a mesma graxa branca que se usa para os sapatos. Dá-se polimento com uma flanela macia.

◆ **SE UM COPO ENTROU DENTRO DO OUTRO E NÃO QUER SAIR** — ponha água fria dentro do copo interno e mergulhe o externo em água morna. Imediatamente será fácil separá-los.

◆ **VIDROS MANCHADOS POR MÔSCAS OU GORDURA** — podem ser limpos rapidamente e perfeitamente, passando-se um pouco de vinagre quente. Depois, dá-se polimento com papel de jornal ou uma camurça limpa.

◆ **AS LESMAS DOS JARDINS** — acabarão totalmente se for espalhado no local que costumam freqüentar um pouco de sal de cozinha.

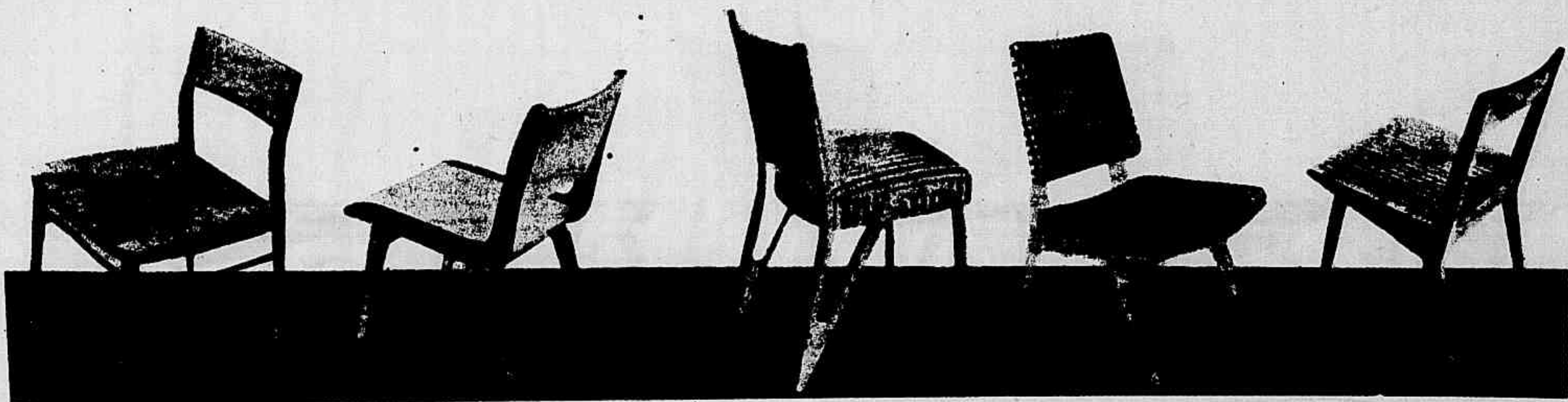
◆ **LIMPAM-SE MEDALHAS, MOEDAS E OBJETOS DE BRONZE** — esfregando-os com suco de limão. Depois, devem ser enxaguados e postos para secar ao sol.



WEEK-END NA COZINHA

◆ **Um prato diferente e econômico** — já que se compra fígado a melhor preço que outras carnes — é este de **FIGADO COM AMEIXAS SECAS**. Prepare-o como o principal prato de uma refeição acompanhando-o de um arroz bem soltinho e legumes. 1 — Deixar de molho de véspera, 100 gramas de ameixas pretas em uma xícara d'água. 2 — Numa panela, com uma colher das de sopa de manteiga, pôr para refogar meio quilo de fígado de vitela com 50 gramas de toucinho ou de bacon. Juntar duas cebolas cortadas em fatias muito finas. Deixar que o fígado fique tostado e a seguir continuar a cozinhar, banhando-o com meio copo de vinho branco misturado a meio copo d'água. 3 — Cêrca de um quarto de hora antes de retirar do fogo, juntar as ameixas, sem os caroços, e deixar que cozinhem.

Quando tudo estiver pronto, cortar o fígado em fatias muito finas. Arrumar no prato de servir, com as ameixas no centro, e as cebolas em rodela. Derramar o caldo sôbre as fatias de fígado e servir quente.



SUGESTÃO PARA O LAR

◆ **As cadeirinhas modernas apropriadas a apartamentos pequenos** — devem ser de modelo simples, funcional e gracioso. Precisam combinar ao mesmo tempo com a mesa de refeições e o grupo onde se conversa, pois serão deslocadas freqüentemente de um canto para o outro. Muito confortáveis serão se estofadas com espuma de borracha e revestidas de tecido em cor viva, lavável, ou em plástico durável. Quanto à armação, pode ser em pau marfim, vime, ferro esmaltado ou alumínio anodizado. Depende do gosto de cada um.



Baile infantil, dizia o convite. Mas rapazes e moças (foto), tomaram conta do salão, pisando e empurrando os menores, que mal podiam se defender. E' preciso separar menores e maiores e proibir a entrada de garotos de 2, 3 e 5 anos, que vão apenas satisfazer o espirito de exibição de pais irresponsáveis e criminosos.

NO MUNICIPAL (INFANTIL)



O PRIMEIRO COLOCADO GASTOU 400 MIL CRUZEIROS

FANTASIAS CARISSIMAS NO BAILE GRA-FINO DOS GAROTOS ★ RECLAMAÇÕES DE TODOS OS LADOS

CONTRA O JÚRI ★ NINGUÉM FICOU SATISFEITO ★ MISSANGAS, VELUDO, PLUMAS, PALETAS E JOIAS

CARAS ENFEITANDO MENINOS E MENINAS

Reportagem de **ANTÔNIO CARLOS NOGUEIRA**

Fotos de **ALBERTO FERREIRA**

REVISTA DA SEMANA — 57



1º LUGAR

José Gonçalves Barros Filho, com uma fantasia de 140 mil cruzeiros intitulada Chinês.



2º LUGAR

Euclides Marinho, com Hamlet.



3º LUGAR

Baldemero Serejado, com Faisão.



4º LUGAR

José Xavier, com Príncipe.

MUNICIPAL infantil. A festa grã-fina dos garotos. Este ano não foi muito calma. 32 concorrentes, quase todos com fantasias caríssimas. Mas o júri andou cometendo muitos erros, e prejudicando (visivelmente) alguns concorrentes. Os pais (em geral) não gostaram do resultado e protestaram com vozes altas, vaia, assobios e da maneira que puderam. Mas o júri não tomou conhecimento dos protestos e manteve a decisão.

Muita confusão. Crianças de menos de 10 anos (às vezes até de 2, 3 e 5 anos), brincando junto com outras de 12, 13 e até 15. Naturalmente levando desvantagem, sendo pisadas, empurradas e quase esmagadas.

As festas infantis continuam servindo mais à exibição e à vaidade delirante dos pais, do que propriamente de divertimento para os pequenos. Como se divertir, "enforcado" naquelas fantasias horríveis, cheias de veludo, plumas, paletas, missangas e mais não sei o quê? É um verdadeiro crime e deveria ser proibido. Que fosse permitido apenas para maiores de 18 anos. Mas para os menores deveria haver uma severa vigilância, já que existem pais que fazem tudo para se colocar em primeiro plano, mesmo à



1º LUGAR

Valéria Salemburgue, com uma fantasia de 400 mil cruzeiros intitulada Josefina de França.



2º LUGAR

Solange René, com Mosqueteiro.



3º LUGAR

Ana Maria, com Deusa do Carnaval.



4º LUGAR

Lúcia Pompeu, com Melindrosa.



NENHUMA DESTAS FANTASIAS FOI PREMIADA▶



NO MUNICIPAL (INFANTIL)

custa da saúde, do bem-estar e do conforto de seus filhos inocentes.

Depois de muita confusão foram distribuídos os prêmios. **PARA MENINAS:** 1º lugar: Valéria Salembegue, com a fantasia de Josefina de França, que custou 400 mil cruzeiros. 2º lugar: Solange René, com Mosqueteiro, que ficou em 60 mil cruzeiros. 3º lugar: Ana Maria, com Deusa do Carnaval, de preço ignorado. E 4º

lugar: Lígia Pompeu, com Melindrosa. Sua mãe também não quis dizer quanto gastou. **PARA MENINOS:** 1º lugar: José Gonçalves Barros Filho, com Chinês, que custou 140 mil cruzeiros. 2º lugar: Euclides Marinho, fantasiado de Hamlet. 3º lugar: Baldemero Serejado, com Faisão. (Se essa fantasia já não tivesse sido usada anteriormente, Baldemero teria conquistado o primeiro lugar, pois sua fantasia era realmente a mais bonita.) E 4º lugar: José Xavier, fantasiado de Príncipe.



imaginem a tortura deste pobre menino, horas seguidas carregando estas frutas tódas, como um quitandeiro de subúrbio. Não foi premiado. E que castigo mereciam seus pais?



Em cima: uma jovem brasileira com tendências orientais. Não foi premiada. Em baixo: um pijama metido a bêta, com plumas mais que vulgares e cansativas. Chamam a isto diversão de crianças.





Os Americanos Aderiram ao Carnaval

• Apesar de tudo, muitos turistas vieram ver o carnaval carioca. Um carnaval que já foi famoso, que poderia continuar como uma atração (e uma fonte de divisas), mas que infelizmente vai morrendo de uma para outra. Estes meretrizes americanos chegaram ao Rio nas vésperas do carnaval mas não costaram muito a se adaptar. Brincaram a valer, abusaram da cachapa e na quarta-feira de cinzas estavam assim mais curtos do que os que estão assistindo. (Foto V. VASCONCELOS)

**A FIGURA
EM FOCO**



TENÓRIO CAVALCÂNTI

O Tenório, diabólico,
nesta Terra não se amola.
Conhece a manha dos gajos
e sabe usar da pistola.

A VENDA

EU SEI TUDO

DE MARÇO

- TAMBÉM VOCÊ PODE SER MILIONÁRIO!
- O FRIO AJUDANDO O GENIO
- AS JOIAS QUE VOAM
- A MARCHA DA MEDICINA
- GENÉTICA, A CIÊNCIA DA HEREDITARIEDADE
- PROGRESSO NA AVIAÇÃO ATÔMICA
- ENERGIA ILIMITADA EXTRAÍDA DO MAR

PREÇO CR\$10,00

Redação: Rua Maranguape, 15 - Rio